

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL

RENATA DE SOUZA LEÃO

**O ENSINO DE FILOSOFIA: SEGUNDO O REFERENCIAL
CURRICULAR DA REDE DE ENSINO DO ESTADO DE ALAGOAS**

RECIFE

2019

RENATA DE SOUZA LEÃO

**O ENSINO DE FILOSOFIA: SEGUNDO O REFERENCIAL
CURRICULAR DA REDE DE ENSINO DO ESTADO DE ALAGOAS**

Texto preliminar de mestrado apresentado como requisito para a qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Pernambuco.

Área de Concentração: Ciências Humanas.

Linha de pesquisa: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima.

RECIFE

2019

RENATA DE SOUZA LEÃO

**O ENSINO DE FILOSOFIA: SEGUNDO O REFERENCIAL
CURRICULAR DA REDE DE ENSINO DO ESTADO DE ALAGOAS**

Texto preliminar de mestrado apresentado como requisito para a qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Walter Matias Lima – Orientador
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Avaliador Interno
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento - Avaliador Externo
Universidade Católica de Pernambuco

RECIFE, ___ de _____ de 2019.

A minha família,
Por suportar minhas loucuras e devaneios.

AGRADECIMENTO

Exclusivo ao Professor Doutor Walter Matias Lima.

O grande salto que nos tornamos capazes
de dar foi trabalhar não propriamente
o *inato* nem somente o *adquirido*,
mas a relação entre ambos.

FREIRE, 2005, p. 98.

RESUMO

O ensino de filosofia é um componente curricular mais famoso no ensino médio, se não o único, que o professor(a) deve apresentar os motivos pelo qual ele existe e precisa ser enquadrado na escolarização, então decidimos discutir por meio da escolarização o método sugerido pelo documento estadual, sua eficiência no ensino e na aprendizagem, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos. ASPIS (2004), RONAI (2015) e BROUSSEAU (2008) mostram a importância da proposta metodológica para a escolarização. Este trabalho analisa o Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas -2014 – no ensino médio, que abordam os conceitos do ensino de filosofia e as atividades práticas. Na primeira seção é apresentada uma evolução do documento estadual do ensino de Filosofia, com base em LERNER (2002), e as principais tendências metodológicas da área. Na segunda seção, as modalidades organizativas e seus olhares para o ensino de filosofia, bem como uma revisão bibliográfica, nos principais periódicos da área, sobre a ensinagem e a aprendizagem. Na terceira seção, apresentamos um produto educacional e suas práticas, na perspectiva de apresentar o planejamento das aulas como suas devidas realizações e apresentações dos fatos ocorridos dentro da sala de aula. Como resultado, verificou-se que a escolarização precisa ser planejada e determinada por uma linha metodológica, principalmente, o ensino escolar de filosofia que podem ser visualizados e manipulados pelas estudantes. Já em relação às atividades práticas do material, verificou-se a dificuldade de se manter práticas de ensino tão variadas e algumas repetitivas para que se consolidem uma forma de ensino dentro da escolarização, então as atividades permanentes, os projetos e as sequências didáticas são o ponto de partida da metodologia e dos estudos, evidenciando assim, o método científico.

Palavras-chave: Ensino Escolar de Filosofia. Modalidades Organizativas e Intervenção.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O ENSINO DE FILOSOFIA, SEGUNDO O REFERENCIAL CURRICULAR DA REDE DE ENSINO DO ESTADO DE ALAGOAS.....	12
2.1	Como Ensinar para que se Aprenda.....	12
2.2	A importância do Estudo Metodológico para o Conhecimento Escolar de Filosofia.....	16
2.3	Exposição das Orientações Didáticas do Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas.....	20
2.4	Resolução de Problemas.....	25
2.5	Letramento e Pesquisa.....	27
2.6	A Gestão de Sala de Aula e as Modalidades Organizativas.....	29
2.7	Um Pouco da História do Referencial.....	32
3	A TEORIA: MODALIDADES ORGANIZATIVAS NO ENSINO DE FILOSOFIA E NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	25
3.1	O Elenco das Regras Metodológicas.....	36
3.2	Propósito Didático.....	37
3.3	Todos os Problemas Que se Enfrentam na Produção Curricular São Problemas Didáticos.....	43
3.4	As Modalidades Organizativas e o Referencial.....	34
3.5	Educação de Jovens e Adultos.....	46
3.7	A Atividade na Aula como Objeto de Análise.....	50
4	A INTERVENÇÃO: EXPERIENCIAR A PRÓPRIA PRÁTICA.....	52
4.1	O Ensinar.....	52
4.2	Local.....	53
4.4	Ano.....	57
4.5	Período.....	57
4.6	Gestão do Plano de Aula.....	57

4.7	Plano de Aula.....	58
4.8	Primeira Etapa – Estrutura.....	59
4.9	Segunda Etapa – Plano de Ação.....	60
4.10	Primeira Etapa.....	60
4.11	Segunda Etapa.....	61
4.12	Terceira Etapa.....	62
4.13	PLANO DE AÇÃO – Planos de Aula.....	63
4.13.1	Plano de Apresentação.....	63
4.13.2	Plano de Diálogos.....	65
4.13.3	Plano de Estudo.....	63
4.13.4	Plano de Reflexão / Pesquisa.....	67
4.14	Expectativas e Frustrações.....	75
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Ensinar e aprender são dois termos intrinsecamente relacionados, e são colocados nas instituições educacionais, no qual um somente existe, se o outro for executado. O ensino fornece o conteúdo e os limites da aprendizagem, enquanto a aprendizagem garante que os parâmetros tenham validade e possam ser relacionados, significativos e adquiridos. O ensino escolar de Filosofia, embora seja tão antigo quanto os primeiros agrupamentos escolares, seu entendimento e sentido sofreu profundas alterações no decorrer das mudanças metodológicas e teóricas que chegam às escolas¹.

Apesar das mudanças metodológicas durante os anos, alguns conceitos de objetivo não mudaram, como a posição da aprendizagem dentro do cenário da escola, e a valorização do objeto primordial para que exista a aprendizagem escolar. A persistência da representação da palavra escolar tem muito a ver com a sua obrigatoriedade, nos espaços designados para as escolas. E, o ensino escolar significa o ensino e a aprendizagem, tendo como aliados a imparcialidade, o tratamento igualitário dentro da sala de aula, a predisposição para a aquisição de saberes, e o equilíbrio entre o ensino e a aprendizagem, como se esses conceitos adentrassem ao conceito da docência quando esta é executada.

Então, o que teremos nesse roteiro que se encaminha é trazer a discussão e a análise do Ensino e da Aprendizagem, e do ensino escolar de Filosofia, na utilização das indicações do Referencial Curricular da Rede do Estado de Alagoas, em 2014, no qual apresentam as orientações didático-metodológicas, que fundamentam a trajetória da abordagem teórica da dissertação e da intervenção, tendo a intenção de saber se a determinação didática-metodológica incidida em um Estado, favorece a aprendizagem ou, apenas imobiliza o fazer do(a) docente. Para isso, teremos nesse texto, cinco partes, contendo os critérios conceituais e as referências que conciliam os questionamentos gerados, o método de pesquisa e os correspondentes instrumentos utilizados, que são:

1. O primeiro capítulo é essa introdução;

¹ SAVIANI. Demerval. **Escola e democracia**. 29ª ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

2. O segundo capítulo trata exclusivamente sobre o Referencial Curricular da Rede do Estado de Alagoas, pois é este material, que será utilizado como suporte da ação prática da intervenção, empregando-o como um “referencial”, conforme o próprio nome do documento diz. Para isso, dentro desse documento são estudados os capítulos que abordam as orientações didático-metodológicas, e também o que o referencial apresenta em relação à modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Portanto, abre espaço para a pergunta: por que a escolha desse material para o trabalho? Pelo único motivo, o Estado de Alagoas apresenta a seu público uma metodologia que precisa ser comprovada ou simplesmente rejeitada como prática de sala de aula, por isso o interesse de saber se as orientações são válidas ou não;

3. No terceiro capítulo entra em cena a autora Delia Lerner, que em seus livros, o alvo principal é o ensino da Língua Portuguesa, mas que o Referencial utiliza como proposta didático-metodológica as Modalidades Organizativas, em que ela direciona como método de ensino. Para essa análise ser válida, tomamos este capítulo, para estudar o livro que indica a metodologia e discutirmos os caminhos que são propostos até a estrutura indicativa das Modalidades Organizativas, como base teórica para o planejamento escolar;

4. Após a apresentação das teorias e conceitos, temos o capítulo do planejamento, este é o momento crucial, em que as orientações didático-metodológicas, passam da teoria à prática. A utilização da teoria é o momento mais importante desse trabalho, em que as letras se tornam matéria de estudo e análise, abre espaço para o plano de aula. Então, vemos a intervenção como ela ocorre, qual o público e como é sua evolução no espaço escolar;

5. Quanto as considerações finais, estão o resultado de todo o processo, quais os pontos abordados, quais as relações feitas como pressupostos de análise e discussão.

Na perspectiva de que este trabalho possa, por sua vez, servir no processo/aprendizagem e no caminho que se abre, esperamos, contudo, neste contexto, que ao aplicarmos a teoria numa prática movente, como a sala de aula, resulte com isso em atitudes de mudança diante da perturbação e/ou dos processos conturbados e alinhadores que são propostas pelo ser humano. A sala de aula, a professora, o aluno e a teoria são partes dessa análise e da pesquisa que ocorre dentro da intervenção educativa.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA, SEGUNDO O REFERENCIAL CURRICULAR DA REDE DE ENSINO DO ESTADO DE ALAGOAS

Este capítulo discorre sobre o ensino de Filosofia e a proposta do texto é fazer uma análise nas Orientações Metodológicas, publicadas no Referencial Curricular de Ensino da Rede do Estado de Alagoas em 2014. E, para começar essa discussão, vamos estabelecer duas premissas: a primeira é a necessidade que a escolarização tem de uma metodologia, ou didática, para se ensinar no processo de aprender; a segunda é a obrigação das orientações do Estado de Alagoas para uma prática pedagógica, e as possibilidades de ensino e de aprendizagem, para o ensino escolar de Filosofia. Esses são os suportes iniciais de uma discussão que busca verdades ou não no decorrer da pesquisa.

2.1 Como Ensinar Para Que se Aprenda

Iniciamos este subcapítulo com uma pergunta fundamental para a escolarização, no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos: O ensinar Filosofia requer o aprender Filosofia? Vendo primeiramente que a própria palavra Ensino Médio carrega o ensino como premissa principal da escola, que compõe o Sistema de Educação, como um direito social. DIDONET (2010, p. 20), apresenta uma definição de ensino afirmando que: “O ensino é um ato (ou um processo) de transmissão de conhecimentos por parte de docente a alunos”. Esse conceito será um dos norteadores dessa discussão, pois possibilita o olhar do ensino como processo, ou como chance de aprendizagem. Também é empregado o termo Sistema de Educação e Segmento Social, pois a utilização do mesmo é fundamental para entender que a escola está dentro de um Sistema Educacional e Social. Vemos os dois termos na Constituição Federal, no artigo 212, na Emenda nº. 59: “educação básica obrigatória e gratuita”. Ainda, na mesma Constituição Federal o artigo 6º define quais são os direitos sociais, que inclui a educação. Esses são os primeiros condutores da discussão, que suscitaram a questão inicial, - é possível aprender quando se é ensinado -, dentro da escolarização, no conhecimento escolar

de Filosofia? Pergunta difícil ou fácil de responder? Precisamos de mais argumentos para poder responder de forma afirmativa tais questões. Antes de tudo vamos aos diálogos montados dentro do texto, assim serão várias formas de se ver o ensino de Filosofia e sua existência dentro da escola.

O termo 'conhecimento escolar de Filosofia' vai ser colocado no debate, mas, foi retirado do Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas, (2014, p. 122). Vamos usar como proposta do Sistema Educacional de situar a Filosofia, no Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos.

O que consideramos para a escolarização e, mais do isso, para a intelectualização, como ensinar e o que aprender é fundamental para entendermos o que precisamos para o trabalho em sala de aula pelo professor na produção do Conhecimento Escolar de Filosofia. Nisso nos atemos como norteador as indicações metodológicas a partir do Referencial da Rede de Ensino de Alagoas, e com elas seguir a organização do conhecimento escolar de Filosofia (ALAGOAS, 2014, p. 122), como "orientação didático-metodológica". Lembrando como fundadora dos princípios metodológicos deste processo de escrita, discussão, intervenção e considerações que não são finais e sim, um diálogo móvel que a Educação e a Filosofia propõem.

Teremos nesta intervenção a condição prática de expor aos alunos textos filosóficos, pesquisas em temáticas filosóficas e discussões de alguns conceitos filosóficos, possibilitando aos alunos um despertar ou não, das problemáticas dentro do contexto e do texto, dando subsídios para desenvolver habilidades argumentativas para expor sua compreensão e seus interesses, com pensamento crítico e de autonomia intelectual. Esperemos que com a intervenção se cumpra esse papel.

Sendo assim, a resposta à pergunta inicial, "o ensinar Filosofia requer o aprender Filosofia?" Essa pergunta suscitou várias questões agregadas: O que se pretende ao ensinar Filosofia? Como se ensina Filosofia na intelectualização? Existe a possibilidade de aprender Filosofia? Partindo de um ponto comum – o interesse sobre como ensinar para se aprender filosofia, na intelectualização – e como um componente curricular que está associado ao ensino médio, da Educação de Jovens e Adultos, no trabalho escolar que engloba níveis, modalidades e práticas educativas, na aquisição de conhecimento, propomos uma pergunta ao texto: como

acontece o ensinar e o aprender no conhecimento escolar de Filosofia, na Educação de Jovens e Adultos? Essa pergunta engloba todas as outras. É o nosso ponto de partida dentro da intervenção.

Logo, a discussão começa com as práticas de ensino que o professor apresenta, e as modalidades organizativas caem sobre o fazer do professor no ensino do componente curricular de Filosofia, como orientação nas primeiras discussões do Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas.

Não tem sentido discutir se com mais ou menos tempo se ensina ou se aprende determinado conhecimento escolar, mas o como utilizar, ou melhor, aproveitar este tempo é o que de fato importa na gestão de sala de aula. No contexto de ressignificação do tempo didático, estratégias e propostas de atividades bem planejadas efetivam o desenvolvimento do conhecimento. Portanto, a prática de gestão do professor deve produzir mudança qualitativa, não simplesmente quantitativa. (ALAGOAS, p.132).

Os primeiros acordos sobre a organização da aprendizagem é estabelecido nas atividades que estão dentro do planejamento, assim pensamos: como o estudante aprende na Educação de Jovens e Adultos? Como o estudante aprende filosofia? E, que método será utilizado como prática do fazer do professor? Estas perguntas vêm colocar em discussão de como o ensino e a aprendizagem, ocorrem no Ensino de Filosofia. Continuando com o Referencial do Estado de Alagoas, na problematização da metodologia, vejamos:

A partir do que é orientado pela proposta curricular das unidades escolares, os professores são informados sobre o que devem ensinar e o que os estudantes devem aprender, contudo devem, também, tomar as decisões e organizar um planejamento que informa o como fazer para que a proposta curricular seja colocada em prática no dia-a-dia da sala de aula. (ALAGOAS, 2014, p.132).

Mediante o Referencial do Estado de Alagoas, o Ensino de Filosofia, precisa ter claro sua “linha de pensamento e de metodologia”. Parece fácil falar sobre metodologia, mas, falar da prática de sala de aula é olhar para dentro do seu fazer profissional, é se desfazer do seu plano de aula e vê-lo desfeito, começar de outro jeito, isso não é mudança de folha de planejamento, é mudança de vocabulário, de gesto, de conduta. É oferecer ao professor fundamentos para o deslocamento do olhar, estranhando o que lhe parece corriqueiro, e se familiarizando com o que lhe parece estranho, buscando uma postura ativa no

processo de aprendizagem. O importante aqui, não é o fim, mas o meio de como se aprende, de como se faz para que o seu ensino leve a aprendizagem, esse é o meio. O método é o caminho que conduz ao conhecimento.

Não se quer levantar questões como: se ensino filosofia, ou a filosofar? Ou, qual filosofia vai ser ensinada? Estas questões provocam um debate cíclico, e se perde nas falácias de quem faz e de quem é esta teoria, ou aquele conceito. A problemática aqui é de aprendizagem e de ensino. Existe aprendizagem no ensino de Filosofia? Essa é uma das questões básicas.

Pensar o Ensino de Filosofia como currículo é pensar o Ensino de Filosofia como proposta de aprendizagem e de ensino. Analisando. Muda-se o currículo, o endereço da escola, o público, a modalidade e a metodologia é a mesma, e isso não gera aprendizagem, isso não gera discussão de ensino, passa por períodos de debate sobre o currículo, no entanto, o que fazemos dele, como faremos com ele, e o que ele fará conosco? E, muitas vezes temos uma resposta quase política, entretanto, se depara com uma proposta que é feita sem sequência. Ronai Rocha afirma: “Eu disse que a filosofia precisa ser pensada como disciplina no contexto de um currículo”. (2015, p. 108). E, este texto reafirma: é preciso pensar o Ensino de Filosofia para além do currículo, não são os ditos curriculares que fazem a aprendizagem, o método da aplicação do currículo que faz a aprendizagem.

E, o que é modalidade organizativa? Como são aplicadas em sala de aula? Quem fundamenta teoricamente este pensamento? É possível aplicar em sala a modalidade organizativa? Como se ensina Filosofia e como se aprende? Qual a metodologia que propicia maior aprendizado? Estas e outras questões são levantadas no decorrer deste texto e serão respondidas concomitante ao aparecimento das possíveis respostas.

Passada a fase de luta pela reinserção da filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, o interesse pela história do ensino de filosofia intensifica-se na direção de uma investigação acerca de tradições pouco revisitadas, seus métodos, objetos, pressupostos e finalidades, em contraste com os sentidos que hoje atribuímos ao ensino de filosofia na escola. (BRASIL, 2010, p.171).

A necessidade de estudar a prática do Ensino de Filosofia é a mesma de transformar a Filosofia em um componente curricular e como as suas competências que estão no Referencial Curricular de Alagoas, que são impressas para o Ensino de Filosofia o deixa carregado de uma linearidade histórica, começa a se pensar qual o

(BRASIL 2010, p.171) “sentido que hoje atribuímos ao Ensino de filosofia”? Continua e responde esta pergunta:

Para a história do ensino de filosofia no Brasil, é preciso levarem conta, sobretudo, as profundas transformações do campo de estudos em educação, que implicam a complexificação das abordagens capazes de nos ajudar a compreender os desafios da filosofia enquanto disciplina escolar. Como analisar hoje o ensino da filosofia sem os aportes, por exemplo, das teorias do currículo e da história das disciplinas escolares, para mencionar apenas duas áreas fundamentais? (BRASIL, 2010, p. 171).

O Ensino de Filosofia passou por dois grandes processos dentro da História da Educação, o primeiro foi à luta para efetivar a lei que determinou o retorno do Ensino de Filosofia, e a segunda batalha é desfazer o desprestígio que a ausência do Ensino de Filosofia causou dentro da educação. Mas, esta discussão fica superficial, neste momento, o foco são os métodos do ensino com a finalidade na aprendizagem.

2.2 A Importância do Estudo Metodológico para o Conhecimento Escolar de Filosofia

Sabemos que o Conhecimento Escolar de Filosofia está na escola integrado à grade curricular do Ensino Médio, mas o que precisamos discutir é como sua existência sobrevive à escolarização, como o Ensino de Filosofia lida com a aprendizagem da Filosofia. Então, surge a necessidade de analisarmos o Ensino de Filosofia no processo de aprendizagem que está se constituindo na sua proposta de ensino.

A Filosofia ao se transformar em Conhecimento Escolar passa a ter a obrigatoriedade de saber qual é a aprendizagem existente quando se ensina o Ensino de Filosofia, assim como quais são as estratégias metodológicas que possibilitem aprendizagem, mesmo que essas didáticas sejam tão corriqueiras nos planos de aulas em outros componentes curriculares, como aulas expositivas, aulas de campo ou mesmo, aulas dinâmicas, precisam ser discutidas se ao serem aplicadas no Ensino de Filosofia conduz a aprendizagem. Então, quais os métodos didáticos que podem ser estudados, avaliados e aplicados para se ter uma proporção real da proposta de aprendizagem ao se instituir o Ensino de Filosofia na Educação Básica.

Para essa análise experimental a utilização da proposta de orientação metodológica do Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas, se torna uma possibilidade hermenêutica na aplicação do método, do ensino, da aprendizagem, quando se ensina a Filosofia. Pois, que ensino está sendo direcionado pelo Ensino de filosofia e como ele se torna aprendizagem em sala de aula? Precisamos entender se existe necessidade de uma metodologia para se ensinar Filosofia.

A nossa abordagem, neste momento, é sobre a metodologia proposta a partir do Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas (Anexo 1). Vamos discutir, refletir e analisá-la. A priori, temos como dúvida, qual a proposta metodológica que se encontra no Referencial de 2014?

Para responder a essa pergunta, nos reportamos ao próprio documento que está dividido em capítulos e nos ateremos ao capítulo 5, das páginas 126 a 147, onde explica qual a proposta metodológica de trabalho escolar, com o título de Orientações Didático-Metodológicas, sendo assim, vamos mostrar qual é essa orientação. Antes afirmamos que este estudo é um estudo epistemológico e como tal, estuda a ciência produzida pela humanidade, em que a educação e o ensino escolar de Filosofia são uma produção social e científica.

Considerando que a prática educativa é uma realidade produzida pela ação humana. Assim, podemos afirmar que a Educação refere-se ao processo de caminhada do homem, na História, visando a seu revelar-se como homem, ou seja, a produção de sua humanidade. (MATOS, 2015, p. 11).

O início desse processo, sobre o ensino escolar de Filosofia, analisando as metodologias e as aprendizagens, nos perguntamos filosoficamente, se é necessário o ensino escolar de Filosofia? Para essa resposta, vamos utilizar as palavras de ASPIS,

Pensamos que o justo seria educar, hoje, para que o aluno seja outro e não um mesmo, um mesmo que qualquer modelo, ou seja, que ele seja ele. O justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. O pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, consciente de seus procedimentos e consequências e aberto a se corrigir. Pensamento criativo, capaz de rir de si mesmo, buscador de compreensão, sempre atento ao seu tamanho justo. Esse pensamento não se permite obediência à regra inquestionável do consumo automático, infundado e sem fim. Esse pensamento não se permite tornar-se ação baseada nos critérios da indústria. Ele não se permite o preconceito, não se permite coisificar. É, de alguma forma, uma ferramenta de libertar-se, libertação no sentido nietzschiano,

libertar-se das opiniões, das obrigações, da preguiça e do medo. Afirmamos que o ensino de filosofia como experiência filosófica pode desenvolver esse pensamento. (2004, p. 309).

E, ela continua:

Entendemos, então, que não é possível desunir filosofia de filosofar pois os dois são uma mesma coisa. O filosofar é uma disciplina no pensamento que ao ser operada vai produzindo filosofia e a filosofia é a própria matéria que gera o filosofar. São indissociáveis. A matéria filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante. Para ser filosofia ela tem que ser reativada, reoperada, assim reaparecendo a cada vez. Como a malha tricotada que só aparece se houver o ato do tricotar. O leigo desavisado não vê o tricotar na malha e não saberia refazer seu caminho. A tricoteira sabe cada passo dos pontos e ao ver o tricô pode ver o tricotar, pode, a partir do tricô, reativar o tricotar que vai produzir tricô e assim sucessivamente. O movimento da razão a que chamamos filosofar se dá por intermédio de conceitos filosóficos e estes só são criados e recriados por meio do filosofar. Não há como ficar com uma coisa e dispensar a outra já que não são duas coisas e sim uma só. Não há o dilema filosofia ou filosofar. Filosofia é filosofar e filosofar é filosofia. (2004, p. 308).

Com isso, temos como afirmativa a utilização do ensino escolar de Filosofia no Ensino Médio, como uma possibilidade de acessar o conhecimento humano produzido até os dias atuais e ao mesmo tempo poder refletir, pensar, dialogar com esse conhecimento. Não queremos nos enveredar sobre as discussões tão recorrentes a respeito da filosofia e do filosofar, já que compartilhamos o mesmo entendimento de ASPIS, “Não há o dilema filosofia ou filosofar”. (2004, p. 308)?. E, muito menos sobre retirar ou colocar o Ensino de filosofia, no Ensino Médio, o que nos ateremos é à aprendizagem e ao ensino, do ensino escolar de filosofia, pois, a nossa compreensão se harmoniza, com MATOS quando diz: “A própria natureza a ou da educação exige uma reflexão crítica e, já, a filosofia, ao tomar a educação como objeto e suas indagações, estará filosofando”. (1999, p.41).

E o que o Referencial chama de Ensino Escolar?

Do ponto de vista pedagógico, o desafio, portanto, é propor boas situações de ensino e aprendizagem, ou seja, situações que de fato levem em conta as hipóteses e os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o que pretendemos que eles aprendam e que lhes coloquem novos desafios. Assim, estaremos cumprindo uma tarefa essencial da educação escolar: favorecer o contato amistoso de todos com o conhecimento nas diferentes áreas desde pequenos. (ALAGOAS, 2014, p. 19).

“Favorecer o contato amistoso de todos com o conhecimento (...)”. (Idem, p.). Essa é a proposição estabelecida no Referencial de como se entende educação escolar, sendo este favorecimento com todos os componentes curriculares, e para todos os estudantes na educação escolar. Redundante a fala, mas é para deixar claro que o contato amistoso de todos os conhecimentos é demonstrado no texto inicialmente, uma indicação metodológica, ou a um pensar em uma prática amistosa de aprendizagem. Numa metodologia amistosa de aprendizagem, é óbvio que não queremos enfatizar a palavra amistosa, pois consideramos que para “favorecer o contato amistoso” (ALAGOAS, 2014, p. 19). São necessárias várias questões dentro do ensino, mas estamos ponderando essa palavra como uma proposta metodológica de ensino e aprendizagem, no que se refere ao ensino escolar.

O que acreditamos que seria essa metodologia para “favorecer o contato amistoso com todos os conhecimentos?” (ALAGOAS, 2014, p. 19). É o que vamos averiguar nessa discussão. No entanto, ao se estabelecer no Referencial Curricular, o significado de ensino escolar, ou educação escolar, tomamos um direcionamento em que a sociedade estabelece, como discussão primordial, que o ensino escolar é uma proposta de estruturação social. Algumas questões estão intrínsecas nesse debate e, assim, podemos destacar: o que teremos como formação de cidadão, aos que passaram por esse ensino escolar e por essa educação escolar? Que conhecimento é esse e de qual conhecimento escolar, está se falando? Qual o ensino escolar que se estabelece nas escolas? Então, pretendemos dialogar com o material que os professores da rede de ensino de um determinado Estado, tem em mãos e o que por ele pode ser visto, interpretado, estabelecido e produzido, como diz MELANIO, “Assim, as instituições de ensino não ficam à margem do processo de deformação da razão e da emancipação, pelo contrário, elas têm também um papel muito importante na construção e efetivação do obscurecimento da razão”. (2016, p. 92). Nisso estamos cientes que o processo de favorecer, tem várias linhas de “conhecimento”, no que se alinha ao todo.

Continuando, MÉSZÁROS relata que:

As sociedades existem por intermédios dos atos dos indivíduos particulares que buscam realizar seus próprios fins. Em consequência, a questão crucial, para qualquer sociedade estabelecida, é a reprodução bem-sucedida de tais indivíduos, cujos “fins próprios” não negam as potencialidades do sistema de produção dominante. Essa é a verdadeira dimensão do problema educacional:

a “educação formal” não é mais do que um pequeno segmento dele. (2006, p. 263).

O Referencial que estamos estudando quer nos mostrar como se faz para que os alunos aprendam os fragmentos desejados no estudo em questão. Logo, é importante na proposta compreender a execução de um indicativo metodológico. É o que vamos ver ao discutir sobre o Referencial especificamente.

2.3 Exposição das Orientações Didáticas do Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas

Nesse espaço trazemos as Orientações Didático-Metodológicas, do Referencial, 2014, que começa com esta afirmação:

A definição de boas estratégias metodológicas a serem adotadas durante o processo de ensino e aprendizagem, em todas as etapas de ensino, é condição *sine qua non* ao planejamento e desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa e profícua. (ALAGOAS, 2014, p. 128).

Para entender o que venha a ser a “definição de boas estratégias metodológicas”, faz-se necessário o diálogo mais específico para a educação escolar, como:

Esse tipo de concepção pressupõe abordagens metodológicas compatíveis e, atualmente, as que são consideradas mais adequadas são as metodologias centradas no trabalho pedagógico com situações-problema: situações desafiadoras, porque difíceis e possíveis ao mesmo tempo, em que se articulam atividades desenvolvidas pelos estudantes e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem que eles têm. Essa forma de trabalhar os conteúdos escolares é chamada por alguns estudiosos de modelo metodológico de resolução de problemas e por outros de aprendizagem baseada em problemas. (ALAGOAS, 2014, p. 128).

A problematização está ligada a aplicabilidade metodológica dos processos da educação escolar, no que diz respeito à proposta de ensino e aprendizagem, que considera o “trabalho pedagógico” uma metodologia para a aprendizagem. Nesse momento nos deparamos com uma sugestão metodológica que é a “metodologia de resolução de problemas”, e como acontece este método? O que encontramos de início é uma fundamentação na atividade voltada para a aplicabilidade de problemas e suas resoluções, mediante as diversas formas de se

pensar a ciência. LIBÂNEO ressalta o valor de ensinar com estratégias metodológicas que articulem as mediações cognitivas,

O que está em questão é como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos e desenvolvimento do pensamento teórico, e por quais meios os alunos podem melhorar e potencializar sua aprendizagem. Em outras palavras, trata-se de saber o que e como fazer para estimular as capacidades investigadoras dos alunos, ajudando-os a desenvolver competências e habilidades mentais. Em razão disso, uma didática a serviço de uma pedagogia voltada para a formação de sujeitos pensantes e críticos deverá salientar em suas investigações as estratégias pelas quais os alunos aprendem a internalizar conceitos, competências e habilidades do pensar, modos de ação. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender que se constituam em “instrumentalidades” para lidar praticamente com a realidade: resolver problemas, enfrentar dilemas, tomar decisões, formular estratégias de ação. (2014, p. 05).

Assim, faz-se o entendimento que as “instrumentalidades” é uma prática pedagógica associada a resoluções de problemas e ao desenvolvimento cognitivo, sendo estratégias didáticas desenvolvidas a serviço de uma pedagogia, no que concerne ao processo de ensino, então as propostas de orientação curricular, que o Referencial aponta, é uma forma de discussão da necessidade das “instrumentalidades” (LIBÂNEO, 2014, p. 05). Tanto do ensino, como da aprendizagem. A demonstração disso é que o próprio Referencial apresenta dicas de como o professor pode pensar metodologicamente sua prática pedagógica:

Trata-se de uma prática pedagógica assim pressupõe:

- favorecer a construção da autonomia intelectual dos estudantes;
- considerar e atender às diversidades na sala de aula;
- favorecer a interação e a cooperação;
- analisar o percurso de aprendizagem e o conhecimento prévio dos estudantes;
- mobilizar a disponibilidade para a aprendizagem;
- compatibilizar objetivos de ensino e objetivos de realização dos estudantes;
- criar situações que aproximem, o mais possível, "versão escolar" e "versão social" das práticas e conhecimentos tomados como conteúdos na escola;
- organizar racionalmente o tempo;
- organizar o espaço em função das propostas de ensino e aprendizagem;
- selecionar materiais adequados ao desenvolvimento do trabalho;
- avaliar os resultados obtidos e redirecionar as propostas, se eles não forem satisfatórios. (ALAGOAS, 2014, p. 129-130).

Princípios, orientações, referências proporcionam ao professor uma estratégia metodológica de estruturação do ensino. Ainda podemos destacar outros pontos que servem para o planejamento escolar como:

- analisar a realidade, que é o contexto da atuação;
- planejar a ação a partir da realidade à qual se destina;
- antecipar possibilidades que permitam planejar intervenções com antecedência;
- identificar e caracterizar problemas (obstáculos, dificuldades, distorções, inadequações);
- priorizar o que é relevante para a solução dos problemas identificados e tomar as medidas que ajudam a solucioná-los;
- buscar recursos e fontes de informação que se mostrem necessários;
- compreender a natureza das diferenças entre os estudantes;
- estar aberto e disponível para a aprendizagem;
- trabalhar em colaboração com os pares;
- refletir sobre a própria prática;
- utilizar a leitura e a escrita em favor do desenvolvimento pessoal e profissional;
- atualizar-se em relação aos componentes e áreas curriculares com as quais trabalha. (ALAGOAS, 2014, p. 130).

O Referencial, propõe possibilidades de uso de instrumentalidades para que seja possível analisar os pequenos indicativos das tarefas do aluno e do professor em frases curtas e diretas. Por sua vez, LIBÂNEO propõe dicas de metodologia para o aluno estudar e aprender e, também, aprender a ser professor. Logicamente, ninguém nasce professor, mas o despertar da vocação para o exercício de qualquer profissão via surgindo no processo da aprendizagem em busca do conhecimento. Contudo,

Com efeito, as crianças e jovens vão à escola para aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo. Para isso, é necessário pensar – estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar. A didática tem o compromisso com a busca da qualidade cognitiva das aprendizagens, esta, por sua vez, associada à aprendizagem do pensar. Cabe-lhe investigar como ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos pensantes e críticos, capazes de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, diante de dilemas e problemas da vida prática. A razão pedagógica está também associada, inerentemente, a um valor intrínseco, que é a formação humana. (2004, p. 5).

O uso de “instrumentalidades” nas atividades didáticas pedagógica e analogamente também está para o ensino escolar de filosofia, que fazem parte da

mesma proposta da educação escolar. LIBÂNEO continua afirmando “[...]. Didática tem o compromisso [...]” (2004, p. 5), no entendimento social de ensino escolar. MATOS, também descreve sobre esta questão salientando que há certa padronização do sistema escolar, ou seja: “A escola [...] Ela é um conjunto mais ou menos organizado de textos, gramaticalmente ordenados e normatizados, com semântica própria, que reproduz, em escala menor, a semântica geral de uma determinada sociedade, [...]”. (2015. p. 33). E continua “[...] de uma determinada visão do mundo, de interesses manifestos ou ocultos”. (IBIDEM). Esses interesses são determinados pela proposta social na educação escolar, talvez, fosse necessário uma amplificação na discussão sobre que ensino escolar o Referencial e alguns documentos querem para a sociedade.

Nessa perspectiva de uma padronização de metodologia para se ensinar no âmbito escolar, as orientações para a prática do professor e do aluno dentro da instituição de ensino o documento ALAGOAS sugere que:

Para realizar um trabalho pedagógico orientado por esses propósitos é preciso desenvolver cada vez mais os saberes docentes para:

- analisar a realidade, que é o contexto da atuação;
- planejar a ação a partir da realidade à qual se destina;
- antecipar possibilidades que permitam planejar intervenções com antecedência;
- identificar e caracterizar problemas (obstáculos, dificuldades, distorções, inadequações);
- priorizar o que é relevante para a solução dos problemas identificados e tomar as medidas que ajudam a solucioná-los;
- buscar recursos e fontes de informação que se mostrem necessários;
- compreender a natureza das diferenças entre os estudantes;
- estar aberto e disponível para a aprendizagem;
- trabalhar em colaboração com os pares;
- refletir sobre a própria prática;
- utilizar a leitura e a escrita em favor do desenvolvimento pessoal e profissional;
- atualizar-se em relação aos componentes e áreas curriculares com as quais trabalha. (2014, p. 130).

Ainda, no Referencial como indicativo metodológico as discussões estão na linha de repensar o trabalho pedagógico utilizado dentro das escolas, com isso, propõe itens para se pensar a conduta do planejamento das práticas de sala de aula.

Esse movimento dentro da ideia de “método científico”, tem-se o entendimento de que o ensino e a aprendizagem, possuem teorias móveis em suas

práticas, surgindo a necessidade de se discutir suas definições e atuações para garantir resultados vindos da ideia de uma metodologia científica, que o próprio Referencial estabelece como:

A observação da realidade e algumas pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem vêm indicando que há um conjunto de fatores que, de modo geral, interferem nos resultados (positivos ou negativos) do trabalho pedagógico. (ALAGOAS, 2014, p. 130).

Então, a teoria e a prática precisam de uma reflexão, discussão e de uma execução para se obter o resultado. A Dimensão de um pensar para o Referencial estabelece princípios que são fundamentais como:

- a concepção de ensino e aprendizagem do professor e o nível de conhecimento profissional de que dispõe;
- a crença do estudante na sua própria capacidade de aprender e o reconhecimento/ a valorização dos seus próprios saberes;
- o contexto escolar em que as situações de ensino e aprendizagem acontecem;
- o contrato didático que rege as situações de ensino e aprendizagem;
- a relação professor-estudante;
- o planejamento prévio do trabalho pedagógico;
- as condições de realização das atividades propostas;
- a intervenção do professor durante as atividades;
- a gestão da sala de aula;
- a relação da família com a aprendizagem dos estudantes e com a proposta pedagógica. (IBIDEM).

A orientação didático-metodológica, engloba termos de entendimento de “método científico” como “método didático” ou “método de ensino”. Bem como uma prática e uma teoria, segundo ROCHA,

A didática tem um lado ciência, pois implica o contato com a psicologia, e tem um lado técnico, pois em parte ela é um instrumento. Mas seu coração está do lado da arte, pois implica o domínio de regras aplicadas em casos particulares. A didática deve ser entendida também como uma práxis, pois trata-se de uma ação humana que se dirige ao outro visando-o em sua autonomia. (2013. p. 40).

Todo esse processo da práxis educativa busca uma educação participativa e eficiente, logo, a didática tem um lugar privilegiado e é necessária.

2.4 Resolução de Problemas

E, como indicativo metodológico que o Referencial (ALAGOAS, 2014, p. 129 e 130, apud WEISZ:1997) coloca:

E, quando a perspectiva metodológica é a da resolução de situações-problema, as propostas são consideradas situações de aprendizagem de fato sempre que: há desafios que exigem dos estudantes o uso do que sabem e pensam; o conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real, sem transformar-se em objeto escolar vazio de significado social; a organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível entre todos.

Entendemos que o Referencial aponta a “resolução de problemas”, como meio metodológico, pois acredita que é uma proposta de se ensinar e de se aprender, de forma acessível ao contexto atual do quadro apresentado na escola. E o texto continua colocando como seria uma situação problema, para se pensar em um planejamento escolar:

- tem como proposta a resolução de um desafio;
- organiza-se em torno de uma atividade concreta, que permite efetivamente a formulação de hipóteses, suposições, conjecturas, estimativas;
- funciona como um desafio que o estudante se sente capaz de encarar, mesmo se precisar de algum tipo de ajuda para tanto o problema, apresentado inicialmente como uma proposta didática, é assumido pelo estudante como uma questão sua, o que potencializa o empenho, o engajamento na resolução da tarefa;
- apresenta um 'obstáculo real' a ser necessariamente transposto é o que faz com que o estudante busque os recursos intelectuais disponíveis e/ou construa novas alternativas para dar conta do problema, já que precisa encontrar os meios para isso;
- tem um grau de dificuldade compatível com as possibilidades do estudante, ou seja, 'obriga-o' a mobilizar seus conhecimentos prévios e a produzir outros;
- configura-se como algo instigante, que vale apenas: uma situação-problema não é uma situação 'problemática' e tão complexa que desmobiliza o estudante pela grandiosidade;
- possibilita a antecipação dos resultados e a socialização, antes de se chegar ao final– arriscar faz parte do 'jogo';
- potencializa a argumentação, a discussão, a fundamentação, o embate produtivo das ideias, quando realizada em parceria;
- comporta 'internamente' as formas de validação da solução (ou das soluções, quando for o caso) – o caminho para a resposta ao desafio se encontra de algum modo na proposta;
- favorece a análise coletiva do percurso, desde o contato com a proposta até a solução, o que favorece a tomada de consciência das estratégias e das habilidades utilizadas, a generalização e a estabilização que serão úteis para o desempenho em outras situações. (ALAGOAS, 2014, p. 131).

Exercícios puramente jogados nas bancas dos alunos, não é uma situação de resolução de problemas, é necessário pensar de como se efetiva essa metodologia. Pensando em um planejamento que apresente aprendizagem, CAMPETTI, CAMPOS, evidenciam que uma boa aula, ou como estamos nos atendo a um planejamento, ou seja, o que gere aprendizagem, necessita de: “Aliás, a ideia de uma aula excelente, independentemente do lugar em que seja ministrada, é aquela que ajuda o aluno a construir sua própria aprendizagem.” (2017, p. 89).

Assim, procedimentos e normas podem ser avaliados do ponto de vista da sua utilidade para oferecer um contínuo melhoramento tanto das leis e teorias quanto das próprias práticas observacionais. Possivelmente, diante da diversidade de práticas, possa-se falar em “procedimentos científicos contingentes”, locais, específicos de cada área da ciência. A ciência é multifacetada, pluralista em seus métodos e já não faz sentido falar no “método científico” universal. (MASSONI, 2018, p. 922).

Com isso, estamos ressaltando que o texto de estudo, nos coloca em uma afirmativa, é possível ensinar e aprender mediante a metodologia de situação problema, mas, não é só esse apontamento metodológico que é posto, vamos adentrar em outros conceitos e teorias.

O Referencial apresenta pontos metodológicos durante o seu texto, não existindo até então, um determinismo metodológico, ou uma indicação precisa da metodologia que é proposto no Referencial, o que encontramos até o momento são apontamentos da necessidade de se ter um norteador como indicativos didáticos de uma rede de ensino, por isso vemos descrições de propostas metodológicas como: resoluções de problemas, letramento, pesquisa e em nenhuma como componente curricular específico, faz uma abrangência ao ensino escolar, que engloba todos os componentes de ensino. Existem só indicativos das orientações didático metodológicas.

2.5 Letramento e Pesquisa

Outro subtítulo encontro no Referencial é o Letramento e Pesquisa provoca um direcionamento metodológico que gera: A perspectiva deste Referencial Curricular é também conceitualmente afinada com a tendência que vem se tornando predominante nos últimos anos quanto à necessidade de ampliação do processo de letramento e das habilidades de pesquisa”. (ALAGOAS, 2014, p. 131). Aqui entram

em questão, metodologias que comungam ou seguem a linha que propõe ao professor e ao aluno um dinamismo para o ensino e a aprendizagem.

Acreditamos que essa análise do Referencial vem mostrando que alguns pontos conceituais de metodologia pedagógica de como se ensinar e de como se aprender, variam de acordo com os conceitos para sua aplicabilidade em várias linhas metodológicas, possibilitando escolhas de propostas de ensino e de aprendizagem.

A página 132 do Referencial é baseado no texto publicado pelo MEC, com o Programa Ensino Médio Inovador que diz:

Foco na leitura e letramento como elementos de interpretação e de ampliação da visão de mundo, basilar para todas as áreas do conhecimento; atividades teórico-práticas que fundamentem os processos de iniciação científica e de pesquisa, utilizando laboratórios das ciências da natureza, das ciências humanas, das linguagens, de matemática e outros espaços que potencializem aprendizagens nas diferentes áreas do conhecimento; atividades em Língua Estrangeiras / Adicionais, desenvolvidas em ambientes que utilizem recursos e tecnologias que contribuam para a aprendizagem dos estudantes; fomento às atividades de produção artística que promovam a ampliação do universo cultural dos estudantes; fomento às atividades esportivas e corporais que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes; fomento às atividades que envolvam comunicação, cultura digital e uso de mídias e tecnologias, em todas as áreas do conhecimento; propostas de ações que poderão estar estruturadas em práticas pedagógicas multi ou interdisciplinares, articulando conteúdos de diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento”. (ProEMI). (aput ALAGAOS, 2014, p. 132).

E continua,

A rigor, em se tratando dessas capacidades, não há nada de muito diferente ou contraditório entre o que recomendam os documentos mais atuais e o que defendíamos documentos publicados pelo Ministério da Educação na última década do século passado. O desafio é, cada vez mais, converter esses pressupostos curriculares em ações efetivas nas salas de aula. (ALAGOAS, 2014, p. 133).

Vemos uma justificativa da utilização de indicativos metodológicos e uma ressalva para a dificuldade da efetivação das metodologias “O defeito é, cada vez mais, converter esses pressupostos curriculares em ações efetivas nas salas de aulas”. Não bastam só ter em mãos teorias metodológicas, documentos oficiais impressos, mas saber se na prática são eficazes ou se são somente teorias inacessíveis ao entendimento ou função unicamente burocrática.

O ensinar e o aprender estão relacionados às novas necessidades de mudanças metodológicas, como o próprio método de pesquisa dentro das escolas voltado para os aspectos literários, poéticos, matemáticos, filosóficos, não se prolifera esta proposta como método de aprendizagem, pelo contrário, vemos que a pesquisa na Educação Básica é quase inexistente, deixando este movimento para os universitários.

A pesquisa é outra forma de se incentivar a aprendizagem, como afirma o Referencial: “Todavia a pesquisa é elemento decisivo na formação inicial e continuada de qualquer profissional. O ato de pesquisar desencadeia um processo emancipatório”. (p. 133). Contudo,

A escola deve ser promotora de situações motivadoras e problematizadora, que permitam a descoberta do conhecimento e, acima de tudo, fascinação por aprender. Através da pesquisa estudantes observarão que as ciências não estão acabadas, são dinâmicas e que cada época histórica e cultural produziu conhecimento. (p. 134).

Ainda no Referencial existem mais três subitens que falam sobre letramentos e letramento e escolarização, no qual associam e incentivam que a proposta de leitura e escrita está ancorada no desenvolvimento acadêmico, ao longo da vida do estudante.

Nessa perspectiva, cabe à escola instrumentalizar os estudantes para que tenham condições de fazer, cada vez maior e melhor, uso da função social da escrita, atendendo as suas necessidades de comunicação dentro e fora da escola, tornando-se, conseqüentemente, sujeitos mais letrados. (ALAGOAS, 2014, p. 134)

O texto direciona para a representação mais clara, que o letramento, a pesquisa e a escolarização são lineares na formulação metodológica, fazendo assim, uma trindade como:

Nessa perspectiva, apontamos a pesquisa escolar como atividade propulsora para a realização dessa relação, pois a pesquisa exige uso situado das diferentes fontes de informações através da busca incessante de elementos que elucidem os seus questionamentos. Isto obrigará a escola fazer a relacionar com as diferentes agências de letramentos, se constituindo como agência formadora de sujeitos cada vez mais letrados. (ALAGOAS, 2014, p. 136).

O texto entra na tensão para quem está analisando como transformar a pesquisa, o letramento e a escolarização em sala de aulas? Então, aparece outro subitem que atende, ou pelos menos intenciona responder a essa pergunta: “O

desenvolvimento das habilidades de leitura”. (IBIDEM). Vejamos que outras habilidades são necessárias serem desenvolvidas para os estudantes:

Para que os estudantes compreendam esses textos é preciso saber lidar com eles, é preciso saber estudá-los. E, para tanto, será preciso receber ajuda para aprender a:

- relacionar as informações novas com os conhecimentos prévios sobre o assunto;
- resolver dificuldades de compreensão encontradas durante a leitura;
- discutir aspectos relevantes;
- reorganizar informações para recordar o que foi aprendido: marcar a página onde se encontra a informação; registrar a fonte pesquisada para que, caso necessário, se possa recorrer novamente a ela; sublinhar o que for relevante; fazer comentários na margem dos textos; anotar o que for preciso; resumir; fazer esquemas; fichamentos; paráfrases; ou mesmo ler outros textos que ajudem a compreender melhor o que está sendo estudado.

Como já entendemos o Referencial é um texto orientador e que levanta várias teorias que remetem a autores diferentes em que discutem metodologias, mas que a discussão essencial para est trabalho leremos, agora.

2.6 A Gestão de Sala de Aula e as Modalidades Organizativas

A orientação metodológica que é abordada neste momento é o fazer da professora, como imperativo qualitativo para o ensino escolar. Matos, alerta que: “A busca dessa qualidade requer instrumentos próprios que são mediadores, inequívocos, do seu alcance: dentre eles, o planejamento estratégico”. (2015, p. 39). De certo, que este subitem, vem apresentando quais as estratégias metodológicas que serão utilizados em sala de aula e como esta estratégia é estruturada. Estamos agora, com as definições determinantes para o planejamento escolar, em que o documento aponta quais as didáticas que serão utilizadas e como elas serão utilizadas. “A prática docente é uma prática de gestão em que o professor se configura num gestor de sala de aula, que motiva e desencadeia atividades didático pedagógicas”. (ALAGOAS, 2014, p. 138). Como foi dito: “instrumentos próprios que são mediadores, inequívocos, do seu alcance: dentre eles, o planejamento [...]” Mas, qual é esse instrumento? O título já determina que o instrumento são as Modalidades Organizativas. Por consequência, ele começa a mostrar como se caminha por essa proposta metodológica que será incluído nos planejamentos.

Essa mudança sugere rompimento com a correspondência linear entre conhecimento e tempo, assim duas condições são necessárias: manejar com flexibilidade a duração das situações didáticas e viabilizar o retorno aos mesmos conhecimentos em diferentes oportunidades, sob diferentes perspectivas. (ALAGOAS, 2014, p. 138).

Como proposta de organização pedagógica, o trabalho de ensinar se concentra num objeto simples que é corriqueiro no discurso pedagógico. Também é no planejamento e no tempo em oportunizar diferentes formas de se viabilizar o mesmo conhecimento, ou seja, pensar nas metodologias didáticas para que se consiga ensinar. Essa tarefa da professora situa-se numa abordagem específica sobre a sua organização de ensino dentro do Referencial.

A partir do que é orientado pela proposta curricular das unidades escolares, os professores são informados sobre o que devem ensinar e o que os estudantes devem aprender, contudo devem, também, tomar as decisões e organizar um planejamento que informa o como fazer para que a proposta curricular seja colocada em prática no dia-a-dia da sala de aula. (ALAGOAS, 2015, p. 139).

O ponto primordial é determinar “o como fazer para que a proposta curricular seja colocada em prática no dia-a-dia da sala de aula”, e isto tem sentido é no momento da prática para que se discuta a intervenção no dia-a-dia.

Ainda, as modalidades organizativas como fundamento para a atividade pedagógica em sala, segundo a pesquisadora argentina Délia Lerner, “[...] classificou o trabalho de gestão de sala de aula em: projetos didáticos, sequências didáticas, atividades permanentes e atividades independentes, que hoje são conhecidos como modalidades organizativas”. (ALAGOAS, 2014, p. 138). Os textos demonstram a possibilidade de aprender a ler e a escrever, mediante práticas metodológicas que viabilizem o hábito da leitura e da escrita em sala de aula, a mesma proposta é levado para todos os componentes curriculares, como uma linha de trabalho na escolarização.

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar

novos sentidos... O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas idéias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vista ou das propostas que tentam promover, para protestar ou reclamar, para compartilhar com os demais uma bela frase ou um bom escrito, para intrigar ou fazer rir... O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir. (LERNER, 2002, p. 17-18).

Essa prática metodológica de ensino apresentado por LENER é um mecanismo didático que necessita de uma estrutura dentro do planejamento escolar, para que provoque aprendizagem, isto é, “O necessário é fazer da escola uma comunidade” (LERNER, 2002, p. 17-18). De aprendizagem, que saiba interagir na comunidade escolar, e para isso a estratégia metodológica é que vem estabelecer o esquema ensino e aprendizagem. O Referencial, por si só, direciona esta prática didática como proposta metodológica da Rede de Ensino do Estado de Alagoas. Assim,

No contexto de ressignificação do tempo didático, estratégias e propostas de atividades bem planejadas efetivam o desenvolvimento do conhecimento. Portanto, a prática de gestão do professor deve produzir mudança qualitativa, não simplesmente quantitativa. (ALAGAOS, 2014, p. 138).

De certo que a ressignificação é uma proposta de ensino que tem como finalidade a aprendizagem bem propositiva na metodologia indicada pelo Referencial para as unidades escolares, como ponto de partida para o ensino escolar.

2.7 Um Pouco da História do Referencial

No ano de 2011, em vista do “Projeto Alagoas Tem Pressa”, implantado no Estado de Alagoas, ocorreu reformulação estrutural no tocante a organização e funcionamento da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte de Alagoas, onde surgiu na Diretoria de Apoio Pedagógico às Escolas (DIAPE) a Gerência de Organização do Currículo Escolar (GEORC) com a competência prioritária de coordenar o processo de construção do Referencial Curricular da Educação Básica

da Rede Estadual de Ensino de Alagoas, que tem com o objetivo estabelecer um padrão escolar no Estado de Alagoas.

Para dar andamento a tal propósito, inicialmente criaram-se grupos de trabalho constituídos por professores e coordenadores, com o apoio das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), com a finalidade de promover estudos sistemáticos acerca da temática currículo.

Em vista das demandas dos professores relacionadas às suas tarefas escolares os grupos foram esvaziando-se e tal estratégia, para dar andamento à construção do Referencial Curricular, tornou-se improfícua.

Em 2012 a GEORC, através de sua nova gerente, empreende o movimento de solicitar professores oriundos das unidades escolares locais e dos componentes curriculares que são vivenciados pela escola, via processo, para serem lotados nessa gerência com o propósito de serem os líderes do componente em que eles são graduados compondo equipe multidisciplinar e dar continuidade ao processo de construção do referido Referencial Curricular.

Sendo assim, conforme projeto formatado para desenvolvimento das etapas de construção do Referencial Curricular, após estudos e apresentações de seminários internos relativos à temática currículo, socialização do projeto em tela, inscrição de professores e professoras das quinze CRE do Estado para participação efetiva na construção do Referencial Curricular, formação e instituição de equipe intersetorial e multidisciplinar, através da portaria 409/2013-SEE/AL na SEE e contratação de Consultoria por meio de licitação, empreenderam-se momentos presenciais e à distância (comunicação *on-line*) com todos os envolvidos no processo de construção do Referencial Curricular.

Após a etapa de construção, vem a Implementação do Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Alagoas que é um processo que se desenrola desde o segundo semestre de 2014. Nela consiste o caráter inédito da participação de todos os professores da rede comungando e dialogando a respeito dos mesmos conteúdos.

Em sua primeira etapa foram contemplados os capítulos comuns. Na segunda etapa os capítulos de caráter específico. Nesse momento os professores além de refletirem sobre suas práticas foram convidados a produzir e socializar com todos os outros colegas, através da Plataforma Digital, “Forma Alagoas”, suas

metodologias no formato de Projetos Didáticos, Sequências Didáticas e Atividades Permanentes.

Dessa forma, a ação de Implementação culminou em processos de reflexão, produção e socialização de conhecimentos que, antes isolados na materialidade da escola, puderam estabelecer uma homogeneidade das práticas dos professores na rede e galgar outros horizontes através da plataforma digital.

Quando do final do ano de 2014, a ação de Implementação já era pensada em seu cerne. As equipes se depararam com um grande desafio, que seria, organizar uma formação pontual que refletisse substancialmente numa prática conjunta do total de professores de toda a rede estadual de Alagoas. Portanto, o Referencial se propôs, de forma inédita, a ser um instrumento que referenciasse a prática dos professores e que garantisse competências e habilidades no processo de ensino aprendizagem.

Para tanto, na intenção de garantir a viabilidade do processo de Implementação, a equipe GEORC se muniu dos instrumentos legais cabíveis, garantindo transparência, celeridade e qualidade para essa formação. O primeiro foi a PORTARIA SEE nº 2.547/2014, publicada em Diário Oficial em 23/12/2014 que estabeleceu diretrizes operacionais para Implementação do Referencial Curricular da Educação Básica, reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e do Regimento Escolar (RE) das escolas da Rede Estadual de Ensino de Alagoas.

Em relação à organização da carga horária dos professores que receberiam essa formação, foi lançada a Portaria 3.299/2014 que estabeleceu e organizou o ano letivo de 2015 nas unidades de ensino. A respeito disso é especificado em seu Art. 23 - Estabelecer que em consonância ao Art. 3º, Inciso VIII, da Lei nº 6.197, de 26 de setembro de 2000, para a atividade do magistério, respectivamente o exercício da docência, seja cumprido o tempo reservado à hora-atividade (departamento), sendo cinquenta por cento (50%) deste na escola, destinado a atividades de caráter pedagógico, dentre estas, a formação em serviço. A partir daí o outro cinquenta por cento (50%), segundo a orientação da equipe GEORC, correspondesse num segundo momento de formação, onde os professores fossem reunidos por Área de Conhecimento em suas respectivas escolas e que fossem realizadas, preferencialmente, de duas maneiras: 1. Aproveitando oportunamente da carga horária da Semana Pedagógica; 2. Aproveitando o tempo reservado para hora-atividade.

Importante salientar também que, no próprio processo de construção do Referencial foram atendidas todas as prescrições de bases legais e teóricas essenciais para a construção desse documento. E, assim se fez chegar as escolas o Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas.

3 A TEORIA: MODALIDADES ORGANIZATIVAS NO ENSINO DE FILOSOFIA E NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A reflexão feita no capítulo anterior, quanto a discussão do Referencial e de suas orientações nos trouxe a possibilidade de especificar a metodologia e a didática apresentadas no texto oficial e que o ensino escolar de filosofia é um componente curricular. ROCHA, assim se expressa: “Eu disse que a filosofia precisa ser pensada como disciplina no contexto de um currículo”. (2015, p.108). Então, acreditamos que a formação escolar deve estabelecer um estilo próprio vinculado à sociedade e que seja determinada por seus resultados nas avaliações padronizadas a nível municipal, estadual e nacional, considerando o seu reflexo na educação escolar em que a filosofia entra roteiro do ensino médio. Como? “Entendemos que essa forma de abordar a filosofia, deixa em aberto uma questão importante: a partir dos parâmetros curriculares propostos pelo Ministério da Educação, [...]”. (LIMA, 2010, p. 72). Sendo assim, o ensino de “filosofia tende a se constituir como disciplina no currículo escolar, o que exigiria um professor qualificado para o ensino dessa disciplina”. (LIMA, 2010, p. 72).

Essa inserção do ensino escolar de Filosofia, no Ensino Médio, requer que o professor esteja inserido como “[...] qualificado, [...], como alguém que, em princípio, graduou-se em filosofia e que possui habilitações didático-pedagógicas específicas para o ensino de filosofia no Ensino Médio”. (IBIDEM). Um critério nem sempre cumprido, pois o professor de Filosofia deve ter “habilitações didático-pedagógicas específica”. (LIMA, 2010, p. 72).

Partamos para uma reflexão sobre as modalidades organizativas e o que elas se propõem com seu indicativo e suas tendências pedagógicas, não se limitando a nenhum período específico, mas, que se caracterize por uma atitude crítica, porque o foco são as “habilitações didático-pedagógicas” e a possibilidade da instrumentalização que a metodologia e a didática do Referencial indicam para uma rede estadual.

3.1 O Elenco das Regras Metodológicas

A primeira apreciação no elenco das regras metodológicas é olhar para a autora² que está citada dentro do Referencial e é tomada como orientação didático-metodológica, no ponto em que se discute as modalidades organizativas, onde: “O necessário é, em suma, preservar o sentido do objeto de ensino para o sujeito da aprendizagem [...]”. (LERNER, 2002, p. 18). Daí a importância de um olhar para o que relata a metodologia proposta pelo Referencial, como ponto de partida das habilitações didático-pedagógicas específicas.

O ensino da leitura e da escrita é o foco que permeia os fundamentos teóricos das orientações didático-metodológicas do Referencial e faz como indicação para a proposta metodológica da estrutura da escolarização,

Tornar objeto de ensino os usos da leitura e da escrita em diversos componentes curriculares significa oferecer a todos os estudantes maiores oportunidades para que se apropriem desses usos para aprender, significa habilitá-los a utilizar essas ferramentas de forma competente e eficaz, significa contribuir positivamente para seu êxito escolar no presente e no futuro. (ALAGOAS, 2014, p. 136).

² O texto escolhido para ser analisado é o mesmo que está nas Referências, e é, LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

O Referencial Curricular, portanto, aponta o objeto de ensino os usos da leitura e da escrita como proposta da organização teórica para os planejamentos das aulas, tornando Delia Lerner uma referência com relação às referências bibliográficas, como também, didático-metodológica. Contudo, torna a teoria das modalidades organizativas, discutidas por ela, como indicação das práticas em sala de aula. E todos os diversos componentes curriculares incorporam as mesmas indicações didáticas. “No contexto de ressignificação do tempo didático, estratégias e propostas de atividades bem planejadas efetivam o desenvolvimento do conhecimento.” (ALAGOAS, 2014, p. 137). Assim, “[...] a prática de gestão do professor deve produzir mudança qualitativa, não simplesmente quantitativa”. (IDEM, p. 137).

A possibilidade de montar uma estrutura para direcionar o ensino impulsionado pela aprendizagem, tornou o livro: Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário, como leitura inevitável para a compreensão da possibilidade de uma execução didático-metodológica. Por isso, vamos nos ater nas partes do livro que possibilitam a discussão sobre a Orientação Metodológica e Didática do Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas.

3.1 Propósito Didático³

Como Propósito Didático, podemos começar a compreender a partir da afirmação de Lerner, ou seja:

Como a função (explícita) da instituição escolar é comunicar saberes e comportamentos culturais às novas gerações, a leitura e a escrita existem nela para ser ensinadas e aprendidas. Na escola, não são “naturais” os propósitos que nós, leitores e escritores, perseguimos habitualmente fora dela: como estão em primeiro plano os propósitos didáticos, que são mediatos do ponto de vista dos alunos, porque estão vinculados aos conhecimentos que eles necessitam aprender para utilizá-los em sua vida futura, os propósitos comunicativos – tais como escrever para estabelecer ou manter contato com alguém distante, ou ler para conhecer outro mundo possível e pensar sobre o próprio desde uma nova perspectiva – costumam ser relegados ou, inclusive, excluídos de seu âmbito. Essa divergência corre o risco de levar a uma situação paradoxal: se a escola ensina a ler e escrever

³ Encontramos este termo: Propósito didático, e podendo ler também proposta didática e propósito educativo, em várias partes do livro, páginas 19, 20, 22,

com o único propósito de que os alunos aprendam a fazê-lo, eles não aprenderão a ler e escrever para cumprir outras finalidades (essas que a leitura e a escrita cumprem na vida social); se a escola abandona os propósitos didáticos e assume os da prática social, estará abandonando ao mesmo tempo sua função ensinante. (2002, p.19 – 20).

Colocando primeiramente os termos “propósito didático” e a “função ensinante” no mesmo parágrafo de discussão porque estamos buscando compreender o formato que envolve a prática didática estabelecida no livro, e para tal entendimento perguntamos: o que é propósito didático? Temos como resposta:

[...] do ponto de vista dos alunos, [...] conhecimentos que eles necessitam aprender para utilizá-los em sua vida futura, os propósitos comunicativos – tais como escrever para estabelecer ou manter contato com alguém distante, ou ler para conhecer outro mundo possível e pensar sobre o próprio desde uma nova perspectiva – costumam ser relegados ou, inclusive, excluídos de seu âmbito. (IDEM, p. 22).

Essa resposta está vinculada ao termo “função ensinante”, pois a autora determina que a função da escola é: “Ler e escrever... Palavras familiares para todos os educadores, palavras que marcaram e continuam marcando uma função essencial – talvez a única função – da escolaridade obrigatória”. (IDEM, p.17) E, coloca o objetivo da escola como: “Redefinir o sentido dessa função – e explicar, portanto, o significado que se pode atribuir hoje a esses termos tão arraigados na instituição escolar – é uma tarefa incontestável.” (IBIDEM). Sendo assim, a “função ensinante” é um termo também que iremos discorrer juntamente com o “propósito didático”, porque estão ligadas e uma só funciona com a outra, ou seja, o “propósito didático” é a aprendizagem, a “função ensinante” é o ensino.

A função ensinante tem no propósito didático a junção do objeto de ensino e da aprendizagem, como também assume a função social da escrita e da leitura. E, como se dá este movimento? Dentro da escola, a função e o propósito são unificados quando estão dentro do planejamento das aulas. Por isso, uma regra básica para a discussão: o professor é o centro do processo do ensino, e o aluno é o centro do processo da aprendizagem. Mas como “ensinar e controlar a aprendizagem”⁴? “Essa articulação, que permite resolver um dos paradoxos antes apresentados, pode concretizar-se através de uma modalidade organizativa bem

⁴ Termos encontrados na página 20, do livro LERNER; Délia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

conhecida: os projetos de produção-interpretação”. (LERNER, 2002, p. 22). Então, surgem as modalidades organizativas como requisito para o ensino e para o entendimento de ocorre a aprendizagem, e sua primeira atividade diretiva são os projetos. Utilizaremos o entendimento deste estudo como um viés para todos os componentes curriculares, pois o próprio Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas, determina como propósito didático as modalidades organizativas e, aqui encontramos claramente o desenrolar das orientações didático-metodológicas, que está proposto para o Estado de Alagoas.

O propósito didático tem na função ensinante o pressuposto pedagógico, de que os alunos precisam aprender quando estão dentro da instituição escolar. Todavia, está ficando claro nessa que não existe possibilidade de se pensar a escola sem se pensar sua função ensinante e muito menos sem se ter um propósito didático como referência para o ensino e a aprendizagem, isso gera a discussão de como montar estratégias para se ensinar e para a aprendizagem, e como acontece essa organização do ensino, o Referencial e a autora LERNER determinam as modalidades organizativas como indicativo de organização metodológico-didática.

Os propósitos didáticos são as modalidades organizativas? Não. Os propósitos didáticos é o ensino e a aprendizagem, enquanto as modalidades organizativas são os meios pelo qual o professor ensina e o aluno aprende:

O possível é fazer o esforço de conciliar as necessidades inerentes à instituição escolar com o propósito educativo de formar leitores e escritores, o possível é gerar condições didáticas que permitam pôr em cena – apesar das dificuldades e contando com elas – uma versão escolar da leitura e da escrita mais próxima da versão social (não-escolar) dessas práticas. (LERNER, 2002, p. 21).

“O possível é gerar condições didáticas”, (LERNER, 2002, p. 21). O foco é a composição de como funciona o ensino e a aprendizagem, e a preocupação está no contexto de como se ensina, e qual a proposta didática, e como é possível se ensinar para se aprender. A escola tem que produzir “ensinagens”⁵ para se ter aprendizagens.

⁵ “O termo "ensinagem", segundo Polity (2002, p. 30), se traduz numa base relacional na medida em que se pressupõe que o conhecimento é construído na e pela relação com o outro, agregando valor à novas experiências; o educador seria, no processo de ensino e aprendizagem, uma pessoa mais experiente que saberia relacionar os saberes com os fazeres na vida real e cotidiana, com isso, fomentaria mais facilmente a reflexão e/ou assimilação. Ou seja, o educador, consciente ou não, estaria de posse dos conhecimentos científicos e/ou tradicionais, sendo que lhe é esperado saber reconstruí-los com os outros”.

Diante disso, quais os pontos que podem ser abordados no contexto da discussão: mudança no ensino? Mudança na formação do professor? Mudança na versão escolar e na versão social de ensino? Todas as perguntas são necessárias e fundamentais e que rodeiam a escola. Sabemos também da importância da formação do professor; da escola saber qual a sua função e seu norte nas versões sociais e escolares; qual a proposta do ensino e o que, primeiramente, pode começar uma mudança no ensino em relação a sua prática e didática. O que importa, realmente, é como a escola lida com o ensino e o entende. Como o ensino funciona na sua realidade institucional. Segundo, Lerner, quanto a possibilidade de começar a mudança na proposta didática, deve-se partir das dificuldades inerentes da educação e, assim, ela confirma:

Se a atualização sempre é necessária para todo profissional, é mais ainda no caso dos professores latino-americanos de hoje. Essa afirmação se sustenta em razões muito diversas: a mudança radical de perspectivas que ocorreu nos últimos vinte anos em relação a alfabetização⁴ não teve suficiente eco nas instituições formadoras de professores, a função social do docente está sofrendo um processo de desvalorização sem precedentes, o acesso a livros e revistas especializadas é difícil – dada a situação econômica de nossos países e, em particular, o deplorável panorama profissional dos educadores -, os professores têm muito poucos espaços próprios para a discussão de sua tarefa... (2002, p. 31).

Vejamos que um problema sério na educação é a desvalorização sem precedente do professor, e isso é uma parábola que acarreta péssimas possibilidades de formação, dificulta o diálogo dentro da escola, impossibilita as mudanças necessárias, não só teórica, que é muito importante, mas como efetivar metodologicamente uma teoria. Então, o propósito educativo, também incorpora as dificuldades da própria educação. É “o deplorável panorama profissional dos educadores”. (IBIDEM).

Contudo, os propósitos didáticos estão ligados à “transposição didática”. Consiste em estabelecer a discussão como uma sutil diferença entre o que é o conteúdo e o que é necessário saber dele.

A “transposição didática” no ensino de Filosofia é vista como um posto importante para a aquisição do conhecimento, como diz ROCHA:

É trivial a ideia que o ensino de filosofia nos remete para uma discussão empírica, no campo da didática, e é incontornável perguntas sobre os instrumentos teóricos que dispomos para tratar do tema[...]. (2015, p.).

Então, nos deparamos numa encruzilhada em relação aos conteúdos e saberes e, como saber e poder relacioná-los com o Ensino Médio.

De uma forma muito esquemática, podemos dizer que a didática de qualquer disciplina leva em conta ao menos duas situações: a existência de um campo de conhecimento (informações habilidades, familiarização) considerando valioso, que deve ser preservado e colocada ao alcance das novas gerações. De outro lado, o trabalho de transmissão e de transposição desses conhecimentos faz surgir questões que exigem, para seu enfrentamento, conhecimentos particulares sobre a situação de ensino-aprendizagem. O fato das didáticas em uma disciplina de tipo empírico faz com que seja natural que se fale em teorias didáticas. A natureza empírica da disciplina, em qualquer dessas suas aplicações, não dispensa, no entanto, a contribuição de conhecimentos típicos da filosofia, como se verá. (IDEM, p. 133).

Nesse ponto do trabalho de transmissão e transposição desses conhecimentos, se estabelece ligação entre a Filosofia e o Ensino de Filosofia, como dois pontos diferentes de ensino e aprendizagem. A localização que está sendo estabelecida como o Ensino Médio transforma a Filosofia em uma prática empírica de Ensino de Filosofia, mas, como ocorre este fenômeno, LERNER, afirma que esta forma de transposição se obtém mediante o “objeto de ensino” (IDEM, p. 33). Na visão de CHEVALLARD pode-se dizer que:

Un contenido de saber que há sido designado como saber a enseñar, sufre entonces un conjunto de transformaciones adaptativas que van a harcelo apto para ocupar un lugar entre los *objetos de enseñanza*. El “trabajo” que transforma de un objeto de saber a enseñar em um objeto de enseñanza, es denominado la *transposición didáctica*. (2000, p. 45).⁶

A citação nos coloca em um momento no qual confrontamos o saber da Filosofia com o Ensino de Filosofia, em que o saber de Filosofia se transforma num objeto de ensino. Esse fenômeno acontece dentro da escola, pois o ensinar Filosofia requer a transposição didática do saber da Filosofia. O saber da Filosofia se torna “objeto de ensino” e faz as adaptações empíricas em cada ambiente que se encontra, mesmo pensando em estabelecer um conteúdo para determinados setores, o ensino de filosofia se transpõe em pensar qual a necessidade de se

⁶ Traduzido para a Língua Portuguesa, por mim: Um conteúdo de saber que foi designado como saber ensinar, sofre a partir daí um conjunto de transformações adaptativas que o tornarão adequado para ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O “trabalho” que se transforma a partir de um objeto de saber ensinar em um objeto de ensino é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 2000, p. 45).

ensinar tal teoria, conceito, pensamento, transformada em conteúdo. Uma boa justificativa é posta por LENER (2002), para o objeto de ensino de Filosofia, na transposição didática, que consiste: “A escola tem a finalidade de comunicar às novas gerações o conhecimento elaborado pela sociedade”. Essa é a premissa que vemos também no próprio Referencial Curricular da Rede do Estado de Alagoas (2014) quando estabelece os conteúdos para serem colocados no documento:

É preciso que o trabalho pedagógico respeite a tradição cultural dos diferentes sujeitos. É necessário apreender e compreender os elementos da construção histórica dessas culturas, estabelecendo as relações entre elas e os conteúdos escolares, de forma interdisciplinar e transdisciplinar, a partir da análise dos aspectos históricos, culturais, sociológicos, antropológicos, vistos sob a ótica dos sujeitos em todas as etapas da educação básica: infantil, fundamental e médio. (p.24)

Nenhum outro aspecto é pensado que não seja a de transmitir conhecimento, experiências, conceitos, saberes, que foram acumulados durante todo o processo da história humana. A Filosofia em sua transposição didática passa como objeto de ensino a mesma premissa de ensinar “os elementos da construção histórica dessas culturas estabelecendo as relações entre elas e os conteúdos escolares”. (ALAGOAS, 2014, P.24).

Ao comungar com a ideia que o objeto de ensino e o saber da Filosofia são diferentes e precisa de uma transposição didática, é que o próprio Referencial determina quais seriam os eixos e conteúdos para o trabalho na escola. Pois para LENER, “A Transposição didática é inevitável, mas deve ser rigorosamente controlada”. (2002, p. 35). Por isso, vemos que o Ensino Médio é cheio de fragmentos da Filosofia, para que se torne objeto de ensino. E, “o controle da transposição didática não pode ser uma responsabilidade exclusiva de cada professor”. (IBIDEM). Mas, responsabilizando a Filosofia para refletir de qual objeto de ensino tem que ser colocado no ensino escolar pode-se afirmar:

É responsabilidade dos governos tornar possível a participação da comunidade científica nessa tarefa e é responsabilidade da comunidade científica se pronunciar sobre a pertinência dos “recortes” que se fazem ao selecionar conteúdos. (IBIDEM).

Esse momento de discussão de conteúdo foi só para demonstrar que a autora Lerner em seu texto que determina as Modalidades Organizativas discute e apresenta argumentos de como se faz o entendimento da escolarização, do

conteúdo, do ensino e da aprendizagem, responsabilizando cada entidade que participa do contexto escolar para pensar e refletir.

É responsabilidade de cada professor prever atividades e intervenções que favoreçam a presença na sala de aula do objeto de conhecimento tal como foi socialmente produzido, assim como refletir sobre sua prática e efetuar as retificações que sejam necessárias e possíveis. (2002, p. 35).

É de responsabilidade da professora o ensino, propor ao aluno e a aluna a aprendizagem, fazendo as conexões com a didática, sabendo que a aprendizagem não é um mero propósito sistemático de um determinado referencial, reproduzido pelo professor, principalmente na aprendizagem em ensino de Filosofia, que está muito relacionada ao ensinante, como função social e função filosófica. E, tudo isso ocorre quando não colocamos o conhecimento como objeto e não utilizamos da memória como sistema de decorar, atos, linhas temporais, acontecimentos frasais, que a transposição didática é uma porta para transformar o objeto de ensino em Filosofia, e a Filosofia em Ensino de Filosofia.

O Propósito didático é claro quando se estabelece que é necessária uma didática para transpor o conhecimento para o objeto de ensino. Isso é bem claro na autora Lerner, mas para o professor do Ensino de Filosofia, como fica essa transposição? É o que veremos.

3.2 Todos os Problemas Que se Enfrentam na Produção Curricular São Problemas

Didáticos

O problema do currículo do Ensino de filosofia é um problema didático. Sabemos como já foi dito que é necessária uma organização curricular para a escolarização, que o estabelecido para o conteúdo é uma análise da relevância social, cultural, histórica e filosófica da acumulação do saber da humanidade, assim, resume-se que o que precisamos no ensino de filosofia é uma prática didática de ensino.

Sem conflitos nos deparamos a definições e caracterizações do ensino, o ensino como uma particularidade para a aprendizagem, não buscando divergências se o que o professor traz para a sala de aula vem como um problema que encontramos no texto Críticas de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no

ensino médio, de GALLO e KOHAN (2000), que é se o ensino é “um ensino baseado na história da filosofia” (p.177) - Enciclopédia, ou “Um ensino baseado em problemas filosóficos” (p. 178) -Temática, ou “Um ensino de habilidades cognitivas e/ou atitudes filosóficas’ (p. 179) – Cognitivo, a nossa problemática é colocar em prática as orientações didáticas do referencial, ou seja, superamos o que ensinar, estamos no fazer de como ensinar para se aprender, na didática.

Lerner, estabelece que existe uma didática que pode ser seguida e possibilita a aprendizagem, como:

Para concretizar essa mudança, parece necessário – além de se atrever a romper com a correspondência linear entre parcelas de conhecimentos e parcelas de tempo – cumprir, pelo menos, com duas condições: manejar com flexibilidade a duração das situações didáticas e tornar possível a retomada dos próprios conteúdos em diferentes oportunidades e a partir de perspectivas diversas. Criar essas condições requer pôr em ação diferentes modalidades organizativas independentes coexistem e se articulam ao longo do ano escolar. (2002, p. 87).

A existência do Ensino de Filosofia, no Ensino Médio, é tornar o conhecimento curricular estabelecido, uma proposta de aprendizagem e isso requer seguir os passos das Modalidades Organizativas que se coadunam e se separam no movimento do ensino e no movimento da aprendizagem.

3.3 As Modalidades Organizativas e o Referencial

Nas páginas do Referencial diz:

A partir do que é orientado pela proposta curricular das unidades escolares, os professores são informados sobre o que devem ensinar e o que os estudantes devem aprender, contudo devem, também, tomar as decisões e organizar um planejamento que informa o como fazer para que a proposta curricular seja colocada em prática no dia-a-dia da sala de aula. A pesquisadora argentina Délia Lerner classificou o trabalho de gestão de sala de aula em: projetos didáticos, sequências didáticas, atividades permanentes e atividades independentes, que hoje são conhecidos como modalidades organizativas. (ALAGOAS, 2014, p.137)

As definições e orientações foram alinhadas para que a proposta didática de Delia Lerner, fosse aplicada em todos os componentes curriculares, a utilização das discussões dentro do Referencial está ligada a produção do propósito didático

que a autora apresenta. Com isso, o quadro seguinte apresenta um pequeno resumo da teoria proposta por Lerner.

7 QUADRO DAS MODALIDADES ORGANIZATIVAS

MODALIDADES ORGANIZATIVAS			
PROJETOS	SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES [ou Atividades sequenciadas]	ATIVIDADES PERMANENTES	SITUAÇÕES INDEPENDENTES
São situações didáticas que se articulam em função de uma finalidade e de um produto final compartilhados. Pressupõem uma sequência de atividades, contextualizam as propostas e, embora não necessariamente, podem ser interdisciplinares.	São situações didáticas articuladas que possuem uma sequência de realização cujo critério principal são os níveis progressivos de complexidade dos conteúdos.	São situações didáticas cujo objetivo é consolidar habilidades, constituir atitudes, desenvolver hábitos etc.	SITUAÇÕES OCASIONAIS: São situações em que algum conteúdo significativo é trabalhado sem que tenha relação direta com o que foi planejado. SITUAÇÕES DE SISTEMATIZAÇÃO
PERIODICIDADE: depende dos objetivos propostos - um projeto pode ser de dias ou meses. Quando de média ou longa duração, os projetos permitem o planejamento de suas etapas com os estudantes e a distribuição do tempo.	PERIODICIDADE: variável	PERIODICIDADE: semanal, quinzenal, diária. As atividades se repetem de forma sistemática e previsível.	O São atividades que não estão relacionadas com propósitos imediatos, mas com objetivos e conteúdos definidos para o ano, pois se destinam justamente à sistematização dos conhecimentos.
CARACTERÍSTICA BÁSICA: <u>Ter uma finalidade compartilhada por todos os envolvidos que se expressa em um produto final,</u> resultado de uma sequência de atividades. O produto final mais importante, entretanto, é a ampliação do conhecimento dos estudantes.	CARACTERÍSTICA BÁSICA: funcionam de forma parecida com os projetos, <u>mas não têm produto final pré-determinado.</u>	CARACTERÍSTICA BÁSICA: a marca principal dessas situações é a regularidade e, por isso, possibilitam contato intenso com um tipo de conteúdo.	

3.4 Educação de Jovens e Adultos

⁷Encontramos este quadro da mesma forma que está no Referencial: 5.4.1 Síntese das Modalidades Organizativas

Ao se pensar na modalidade educativa, tão específica como a educação de Jovens e Adultos, temos inicialmente:

O que o Referencial Curricular da Rede do Estado de Alagoas, diz sobre a modalidade de Educação de Jovens e Adultos: A opção dos jovens pelo Ensino Médio noturno ou na modalidade 'Educação de Jovens e Adultos (EJA) possibilita reflexões acerca do sentido de estar na escola para esses sujeitos singulares e diversos. Eles buscam o direito à educação diante de um histórico de ausência de políticas efetivas que sejam capazes de promover não apenas sua expansão, mas sua obrigatoriedade e, acima de tudo, mudança no quadro educacional. (ALAGOAS, 2014, p. 36).

Essa primeira apresentação monta a discussão da disposição de jovens procurarem o ensino noturno, como a possibilidade de ter acesso à educação e para isso eles: “buscam o direito à educação diante de um histórico de ausência de políticas efetivas”. (ALAGOAS, 2014, p. 36). Vemos nessa posição no texto do Referencial, como uma crítica ao sistema social, dentro do próprio material produzido pelo Estado. Mediante isso, compreendemos que a Educação de Jovens e Adultos é uma dissonância no padrão regular da educação, em que sua existência requer um alinhamento de práticas didáticas e sociais.

Refletir sobre a educação de jovens e adultos (EJA) em Alagoas significa, primeiramente, ter que contextualizá-la num cenário de profundas desigualdades sociais, resultado de um modelo de desenvolvimento político-econômico que submete a maioria da população à condição de analfabeta e à violação dos direitos humanos garantidos na Constituição Brasileira: educação, saúde, moradia, saneamento básico e trabalho, como estratégia de perpetuação dos grupos governantes.

A EJA, tendo como referência a legislação nacional, complementada pela estadual é a forma adequada com que se reveste a oferta do ensino fundamental e do ensino médio a todas as pessoas que não tiveram acesso ou a possibilidade de continuar seus estudos na idade própria, considerando a dívida histórica que a sociedade civil e política de Alagoas tem com os 22,5% da população de alagoanos analfabetos (IBGE, 2010). A superação desse quadro impõe a necessidade do estabelecimento de parcerias entre os diversos segmentos da sociedade civil organizada, das instituições de educação superior, dos setores empresariais, das entidades não governamentais, dos governos estadual e municipais, das entidades religiosas e dos diversos movimentos dos trabalhadores.

E, continua:

A partir desse contexto, o Governo Federal instituiu, em 2005, no âmbito federal o primeiro Decreto do PROEJA nº 5.478, de 24 de

junho de 2005, em seguida substituído pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, que introduz novas diretrizes que ampliam a abrangência do primeiro com a inclusão da oferta de cursos PROEJA para o público do ensino fundamental da EJA.

O PROEJA tem como perspectiva a proposta de integração da educação profissional à educação básica buscando a superação da dualidade: trabalho manual e intelectual, assumindo o trabalho na sua perspectiva criadora e não alienante. Isto impõe a construção de respostas para diversos desafios, tais como, o da formação do profissional, da organização curricular integrada, da utilização de metodologias e mecanismos de assistência que favoreçam a permanência e a aprendizagem do estudante, da falta de infraestrutura para oferta dos cursos dentre outros.

Na tentativa de resolver o problema de uma parte socialmente excluída da população, e consciente do seu dever constitucional de providenciar educação para todos, o texto abre uma pequena discussão sobre a possibilidade da oferta como um reparo social e direciona alguns critérios a serem seguidos:

De acordo com o Decreto nº 5840, 13 de julho de 2006, os Documentos Base do PROEJA e a partir da construção do projeto pedagógico integrado, os cursos Proeja podem ser oferecidos das seguintes formas:

1. Educação profissional técnica integrada ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos;
2. Educação profissional técnica concomitante ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos;
3. Formação inicial e continuada ou qualificação profissional integrada ao ensino fundamental na modalidade de educação de jovens e adultos;
4. Formação inicial e continuada ou qualificação profissional concomitante ao ensino fundamental na modalidade de educação de jovens e adultos;
5. Formação inicial e continuada ou qualificação profissional integrada ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos;
6. Formação inicial e continuada ou qualificação profissional concomitante ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos.

Dessa forma, o currículo da EJA deve se caracterizar por uma abordagem teórica e metodológica específica e adequada à fase de desenvolvimento em que se encontra o estudante, à base nacional comum e também às temáticas do contexto social mais amplo e às especificidades da realidade local. Deve ser flexível e organizado para atender às necessidades dessa categoria, superando o improvisado e as adequações das metodologias utilizadas no ensino de crianças ou adolescentes, com uma proposta metodológica própria, construída a partir dos interesses e vivências do mundo adulto; o ideal é que se construa na EJA um trabalho interdisciplinar que:

- Integre os conteúdos;

- Passe de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento;
- Supere a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa a partir da contribuição das diversas ciências;
- Considere o currículo, o planejamento, a avaliação e os conteúdos como elementos de transformação social;
- Compreenda o ensino e a aprendizagem centrados em uma visão de que aprendemos ao longo de toda a vida.

Sendo assim, compreende-se que a escola da EJA deve propiciar aos estudantes a compreensão crítica da sociedade alagoana, entendendo as causas das desigualdades e injustiças e, ao mesmo tempo, imaginando a possibilidade de construir novas relações humanas no trabalho e na vida.

Nesse contexto de uma educação voltada para a equidade social é que o texto se posiciona de acordo com o entendimento e com as possibilidades da Educação de Jovens e Adultos dentro do Estado de Alagoas.

Assim:

É necessário que se estabeleça uma relação de confiança e de credibilidade entre ambas as partes, pois a relação dialógica que se estabelece entre sujeitos dotados de consciência e capacidade de se posicionar criticamente frente ao discurso do outro possibilita a apropriação dos conhecimentos já produzidos e a construção de novos saberes. (ALAGOAS, 2014, p. 40).

Além da apresentação das seguintes Leis:

Lei 9.394/96, DCNGEB, 2010, art. 27 e 28, Parecer CNE-CEB 11/2000 e Resolução CNE-CEB 01/2000), Parecer CEE-AL 13/2002 e Resolução CEE-AL 18/2002 e a Proposta Pedagógica para a Educação Básica de Jovens e Adultos (SEE/AL, 2002). Orientações para Implantação e implementação do Ensino Fundamental e do Médio na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos por períodos letivos semestrais na Rede Estadual de Ensino 2012. Resolução 18/2002 – CEE/AL (ALAGOAS, 2014, p. 39).

A Luta pela inserção ao mundo acadêmico e a busca por trabalho melhor faz com que as pessoas retornem à educação de jovens e adultos, esse aspecto priorizando à expansão da cidadania como uma regra geral, sem se dar conta que está em busca de direitos que lhe foi retirado.

A rede estadual de ensino de Alagoas ainda possui alguns problemas que exigem o investimento na implementação de algumas políticas públicas estruturantes para a sua resolução, dentre eles está a minimização do analfabetismo e do fracasso escolar. Para resolução desses problemas a rede se propõe a enfrentar dois grandes desafios: alfabetizar na idade certa e corrigir a distorção idade-escolaridade. (ALAGOAS, 2014, p. 53).

Problemas vários surgem quando se olha para o Estado de Alagoas e se vê num ciclo de uma educação que produz exclusão; “minimização do analfabetismo e do fracasso escolar”. (ALAGOAS, 2014, p. 53). Solução? Programas que favoreçam o “alfabetizar na idade certa e corrigir a distorção idade-escolaridade”. *IBIDEM* No final, minimização do problema.

A escolha pelo ensino de filosofia na educação de jovens e adultos é o processo no qual, se entende que o ensino de filosofia é um dos componentes curriculares mais importante para o andamento da sociedade, não como um olhar de melhoria da escola, essencialmente, mas como uma atividade intensiva em conhecimento, na melhoria de ideias, esperando talvez burlar o sistema e realmente aprender o ensino escolarizado de filosofia.

Então, o andamento é propor a aprendizagem do aluno, de múltiplas maneiras na utilização das orientações didáticas vista até o momento, como pré-requisito para o ensino, na intenção da aprendizagem, encontrando problemas pedagógicos com a possibilidade de serem corrigidos, ou não, no momento de desenvolver sistematicamente as atividades pela professora. O conhecimento e a habilidade necessária para resolver tais atividades propostas no plano de aula, são estratégias pensadas e aplicadas em sala.

O crescente movimento pela concretização do direito à educação - não somente pelo acesso aos processos educativos, mas o direito de aprender - tem sido acompanhado pela preocupação com a qualidade e com o acompanhamento dos processos e programas que se oferecem. Na EJA, isso tem significado um fortalecimento da luta pelo direito à diversidade, característica constituinte dessa modalidade educativa, e vem atribuindo o novo significado ao papel do educador. (PAULA, 2011, p. 63).

Não é a busca de modelos programados, mas é o “movimento pela concretização do direito à educação”, cria um conjunto de didáticas com direcionamento para aprender segundo suas próprias práticas, desenvolver um entendimento de atividades, não é mérito, é a necessidade de resolver e assumir o controle do ensino, como responsabilidade de quem está ocupando o lugar de professor ou professora, para que a aprendizagem seja múltipla, uma troca dos dois lados, para uma melhoria contínua entre o ensino e a aprendizagem.

Uma das coisas que aprendemos é a melhoria das práticas quando elas são pensadas, refletidas e dialogadas, atitude que incorpora um conjunto de expectativas dentro da didática que será utilizada e de seu resultado nas evidências que são observadas dentro do processo das orientações didáticas. A aprendizagem escolar somente ocorre quando ela é ensinada e seus resultados são vistos no compartilhamento dos problemas e práticas.

3.5 A Atividade na Aula como Objeto de Análise⁸

A utilização dessa frase é a justificativa perfeita para a intervenção e da utilização das orientações didáticas, com base no Referencial e no livro de Delia Lerner. “Centrar-se no conhecimento didático supõe necessariamente incluir a aula no processo de capacitação, pôr em primeiro plano o que ocorre realmente na classe, estudar o funcionamento do ensino e da aprendizagem escolar [...]”. (p. 110) E, assim possibilitar as discussões e as intemperanças das esperanças vindas do retorno a escola na modalidade de educação de jovens e adultos.

A simples proposta de que o ensino e a aprendizagem escolar requerem um conhecimento da prática pedagógica e uma fundamentação nas práticas produzidas na compreensão real dos requisitos de conhecimento e habilidades que será aplicado em sala, tornando-se experiências educacionais, conseqüentemente na prática do trabalho profissional, na organização do ambiente escolar e na aprendizagem do ensino de filosofia.

No entanto, centra-se no saber didático não significa de nenhum modo - como se pôde observar o longo destas páginas - deixar de lado as contribuições das outras ciências; significa, pelo contrário, abrir a possibilidade de que os professores recorram a eles a partir de interrogações suscitados pelo ensino e pela aprendizagem, tentando encontrar os elementos necessários para manejar melhor os saberes que devem ser ensinados, para compreender melhor as interrogações e as conceitualizações dos alunos. (LERNER, 2002, p.116).

Visto que, o que acontece em sala de aula, tem que ser planejado, analisado, revisto, repensado para que o entendimento da sua prática, a longo e

⁸LERNER, Delia, 2002, p. 110.

curto prazo de aplicação de uma determinada teoria didática como orientação de um Referencial.

Por fim, vamos está em contato direto com as práticas pedagógicas em quatro aulas de ensino escolar de filosofia, não como meros expectadores, mas como atores em uma proposta didática, como o objetivo que essa análise venha averiguar que o ensino produza aprendizagem e que a aprendizagem seja posta como uma proposta de ensino, no vai e vem das linhas no plano de aula.

4 A INTERVENÇÃO: EXPERIENCIAR A PRÓPRIA PRÁTICA

Nessa parte do texto estão as pesquisas e reflexões, obtidas durante o processo de estudo dentro do mestrado profissional de filosofia. É, portanto, resultado de práticas recentes e da minha preocupação de que como o Ensino de Filosofia, no Ensino Médio, na modalidade de Ensino em Jovens, Adultos e Idosos, de uma escola pública, busca uma educação equitativa e qual o efeito na implantação das Orientações Metodológicas estabelecidas no Referencial da Rede do Estado de Alagoas, (2014).

As quatro aulas com seus respectivos planejamentos fazem parte de um contexto de adaptações e reformulações, dando um olhar direcionado para o público alvo já mencionado. Esse conjunto de planos de aula e o ensino de filosofia tem como objetivo avaliar as possibilidades do trabalho com o Referencial Curricular da Rede para o ensino de filosofia e, assim, traçar um repertório para a ampliação da discussão do ensino de filosofia no ensino médio e sua forma de aprendizagem, fundamentando o cenário educacional, que implica em escolhas, lacunas e ênfases, nas dinâmicas tão vivas dentro da sala de aula, pois, os alunos, as alunas e a professora, são as partes moventes do estudo.

Em geral, a ideia comunga de que o ensino de filosofia é uma proposta de escolarização estabelecida e que precisa de uma didática que será executada para uma reflexão e análise. Vamos neste momento para a intervenção.

4.1 O Ensinar

O roteiro da intervenção será apresentado como proposta de trabalho, no objetivo de saber se existe a possibilidade de um ensino que favoreça a uma formação do cidadão crítico e a aprendizagem do ensino de filosofia na Educação de Jovens e Adultos – EJA, proposto no Referencial Curricular de Alagoas, (2014). Para isso, nesse momento teremos a apresentação dos caminhos que foram traçados no decorrer dessa intervenção.

4.2 Local

A escola que ocorrerá a intervenção é a Escola Estadual José da Silveira Camerino. Essa escola está localizada no bairro do Farol, dentro do maior complexo de Educação da América Latina - CEPA – Centro Educacional de Pesquisa Aplicada, Maceió, Alagoas. No horário noturno que começa às 19h até 22h, e tem como modalidade a Educação de Jovens e Adultos, com Ensino Fundamental e Ensino Médio. Aulas de 45 minutos. Cada semestre representa um segmento que equivale a uma série do Ensino Médio regular, tendo 4 segmentos, para a conclusão do Ensino Médio. Escola ampla, com salas grandes e arejadas.

4.3 Ano

1º Segmento – Equivale ao 1º ano regular, com seis meses de duração. A escolha do 1º Segmento, da EJA, foi por que o ensino de filosofia só aparece no Ensino Médio, e o 1º Segmento é o período da introdução do componente curricular de Ensino de Filosofia.

4.4 Período

De 04 de fevereiro de 2019 a 25 de fevereiro de 2019. 04 semanas. 05 aulas. Sendo três aulas de 45 minutos e uma semana com duas aulas seguidas formando uma aula de 90 minutos.

4.5 Gestão do Plano de Aula

Todo o processo estabelecido para a intervenção será proposto para os alunos e a avaliação será feita contínua, que proporcionará uma análise se está atingindo os objetivos, podendo no decorrer do percurso se fazer reparos, sugestões ao longo do processo. Esta intervenção está baseada no Referencial Curricular da Rede de Ensino Estadual de Alagoas, como indicativo de organização de sala de aula: “Os eixos são organizadores gerais do componente curricular e os conteúdos conceituais são os conceitos e fatos a serem ensinados para favorecer o desenvolvimento das habilidades e competências previstas a cada ano de

escolaridade.” (ALAGOAS, 2014, p.72), que por sua feita está baseada em NEDER (p.02): “O necessário é, em suma, preservar o sentido do objeto de ensino para o sujeito da aprendizagem (...).” Essas definições serão utilizadas para a escolha dos eixos relacionados aos conteúdos. Lógico, que será feita uma adaptação dos eixos e conteúdos conceituais voltados para o ensino de Educação de Jovens e Adultos. Primeiro passo os eixos e conteúdos que são apresentados no Referencial são:

Eixo 1: Metafísica

Conteúdos Conceituais

1. As Indagações: O que é filosofia? Para que serve filosofia? Origem da Filosofia?
Áreas da filosofia;
2. Os Precursores da Filosofia: Os Pré-Socráticos; Filosofia Clássica. Sofistas; Sócrates; Platão; Aristóteles; Os Helenismos;

Eixo 2: Teoria do Conhecimento

Conteúdos Conceituais

1. A Filosofia e outras formas de conhecimento: mito/ conhecimento; senso comum/ conhecimento científico; Estética;
2. Maneiras de conhecer: Empirismo; Racionalismo; Realismo; Idealismo; Dogmatismo; Ceticismo;

4.6 Plano de Aula

A proposta de trabalho no Ensino de Filosofia na Educação de Jovens e Adultos está ligado a dois pontos: ao seu público e sua estrutura de organização curricular. Primeiro o público que retorna a sala de aula, neste período de estudo, são jovens, acima de 16 anos para o ensino fundamental e para o Ensino Médio tem no mínimo 18 anos, todos cumprindo uma característica comum, atraso no fluxo regular da educação, relativo a ano/idade.

E, nesses casos, eles são os trabalhadores que precisam entrar no mercado de trabalho mais cedo, para a sobrevivência, impedido a permanência na escola regular, ou que o próprio sistema educacional os excluiu e vê uma

possibilidade de retorno para o processo de escolarização, o ingresso nessa modalidade de ensino. E, o segundo ponto é o ensino neste contexto, como é a aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos, eles cumprem em dois anos o Ensino Médio, decorrendo uma diminuição da carga horária, para a conclusão da etapa. A mobilização dos componentes curriculares é a mesma que a escolarização regular, com uma característica reduzida do tempo e das discussões com o alunos. Assim, nos vemos com um público específico, direcionado e objetivado e uma distribuição de conteúdos, em determinado tempo.

Com isso, ver-se obrigada a dialogar com o seu público: qual o Ensino de Filosofia, estes estudantes querem? Esta pergunta será feita de forma oral, na preposição da apresentação do plano de aula, e também será a norteadora de toda a pesquisa, pois ela tem como possibilidades a resolução de várias questões como: de que aprendizagem e de ensino, estamos falando? Existe ensino em educação de jovens e adultos? Quais os interesses que ele atende? E, ainda, o Ensino de Filosofia tem como direcionamento a aprendizagem? Como questões menores e tão importantes, faremos na apresentação da ementa do curso, um momento de reflexão para se responder.

Para tanto, essa análise se fundamentará no diálogo que será proposto dentro de 01 turma, do Primeiro Segmento, que se dividi em semestre, da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual José da Silveira Camerino, no qual leciono, no período noturno.

Primeira questão: Porque essa turma? O único motivo da escola é que o primeiro segmento corresponde ao primeiro ano do Ensino Médio, então este público terá pela primeira vez o contato com o componente curricular do Ensino de Filosofia, e terão a proposta de pensar, refletir e dialogar sobre: qual o Ensino de Filosofia, estes estudantes querem? Isso decorrerá a um produto final, que será proposto duas avaliações para análise e resultados para o Ensino de Filosofia, no Ensino Médio, da educação de Jovens e Adultos. O que realmente um estudante esta etapa, espera conhecer no Ensino de Filosofia. Lembrando que esta intervenção será a primeira realizada no estado de Alagoas, no Ensino de Filosofia, em que o estudante discute seus conteúdos, sua proposta de ensino e suas metodologias para a sua aprendizagem, para isso a intervenção se dividira em três etapas.

4.7 Primeira Etapa - Estrutura

Instituição Educacional - Escola Estadual José da Silveira Camerino;
Coexistência da Instituição – Pública;
Modalidade – Educação de Jovens e Adultos;
Professora – Renata de Souza Leão;
Licenciatura da Professora – Filosofia;
Etapa – Ensino Médio;
Período – Noturno;
Turma – Primeiro Segmento;
Duração – 05 semanas;
Quantidade de estudantes – 05;

4.8 Segunda Etapa – Plano de Ação

Após, escolher o local e quem, vamos pensar no como. Como será executada essa intervenção. Como é uma intervenção que iremos fazer, vamos chamar o Plano de Aula em Plano de Ação. E, para isso, vamos montar 05 planos de ações, que estará dividido em três etapas.

O que serão esses planos de ação? Como foi dito anteriormente o plano de ação será o plano de aula, achamos correto à modificação do nome, pois ele está associado ao nome intervenção, como proposta de nomenclatura relacionista, para que as palavras estejam ligadas as suas ações. E, para a execução do Plano de ação, ele foi dividido em três etapas, que está conectado as aulas que acontecem na escola.

4.9 Primeira Etapa

a) Plano de Apresentação

O primeiro plano de ação é o Plano de Apresentação. E, o que é este plano? É, o momento em que os alunos terão o primeiro contato com o componente curricular de filosofia, e será explicado a proposta de intervenção, o plano de ação, e resultado pretendido.

4.10 Segunda Etapa

b) Plano de Diálogo

O segundo passo é o Plano de Diálogo, em que estarão expostos vários textos de filosofia para a proposta da ATIVIDADE PERMANENTE, que será a leitura semanal de um texto filosófico relacionado ao conteúdo pretendido da semana no Ensino de Filosofia, com algumas propostas de leitura e algumas definições para que se inicie os contatos com o material de estudo, as discussões e as idéias que eles trazem e as que a interventora / professora, propõe;

c) Plano de Elaboração

No terceiro passo teremos o Plano de elaboração, que será lançada a proposta do PROJETO que será dividido em 3 etapas: elaboração, execução e culminância;

d) Plano de Estudo

No Plano de Estudo, em todas as aulas teremos atividades que estão associadas às SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, para que seja feita atividades ligadas aos conteúdos propostos em busca da aprendizagem pretendida, em sala de aula;

e) Plano de Reflexão

O quinto momento o Plano Reflexão será discutido se realmente esta intervenção está sendo executada conforme a proposta primeira e com vistas ao objetivo pretendido para a turma, neste momento será apresentada perguntas que provocaram um pensar sobre o trabalho em sala de aula;

f) Plano de Execução

No Plano de Execução, está interligado ao PROJETO, proposto pela Turma e pelo professor;

4.11 Terceira Etapa

g) Plano de Avaliação

E, por fim o Plano de Avaliação, tanto Plano de ação, da intervenção, como a proposta de metodológica feita para turma, será analisada, discutida, classificada, ponderada e pensada.

A pergunta que solta da proposta do Plano de Avaliação é quais os parâmetros que teremos para compor esta avaliação. Teremos duas propostas: A primeira subjetiva, lembrando que são jovens e adultos, e já tem experiências de aprendizagem, avaliação e conteúdo, então, sua opinião, seu pensamento terá um peso muito grande, nesta proposta de avaliação, e a outra forma de avaliação será a mais usada por todas: a prova bimestral.

PLANO DE AÇÃO
Plano de apresentação
Plano de diálogos
Plano de estudo
Plano de reflexão
Plano de elaboração
Plano de execução
Plano de Avaliação

4.12 PLANO DE AÇÃO: Planos de aula

4.12.1 Plano de Apresentação

1 aula – 04/02/2019 - 19:45 a 20:30			
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	de	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia
			SEGMENTO: 1º
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Apresentar as propostas de intervenção para as aulas da Educação de Jovens e Adultos, do componente curricular de Filosofia		
OBJETIVO DA AULA	Tornar a proposta de intervenção conhecida por todos os alunos do 1º segmento		

AVALIAÇÃO		A participação dos alunos com perguntas e discussões sobre a proposta de intervenção		
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentarei a ementa do curso e lerei para turma a ementa e proposta de intervenção. 	Receberam a ementa do curso e a proposta de intervenção em papel ofício	A sala estará organizada em fila indiana	15 minutos	Papel ofício e voz
<ul style="list-style-type: none"> • Observações 	<p>Essa primeira aula foi a mais importante, pois é nela que houve a apresentação do que ocorreria durante os outros dias. Tivemos o silêncio no decorrer das explicações e a ausência total de perguntas que pudessem modificar o roteiro posto, aceitaram a ementa como se aceita a uma determinação, como uma ordem estabelecida pela professora. Mesmo a Professora dizendo que poderia discordar e montaríamos outros repertórios, mas a sala inteira ficou inerte e em silêncio, e com receio de serem perguntados, sempre com olhos sem fixar nos olhos da professora que estava na frente da sala.</p> <p>Todos colaram o papel entregue, no caderno.</p>			

1 aula – 04/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º	
HABILIDADE CURRICULAR/NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Apresentação da professora e dos alunos			
OBJETIVO DA AULA	Conhecer o nome de todos da sala			
AVALIAÇÃO	Que todos conheçam o nome da professora			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA	TEMPO (Tempo em	RECURSO MATERIAL

		(Como a sala estará organizada)	minutos para cada atividade)	(Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> Farei uma sacola contendo dentro o nome de cada aluno e da professora; ao passar por todos os alunos, eles abrem o papel e chama o nome ali contido, o nome chamado levanta à mão e pega a sacola e faz o mesmo processo até não restar nomes na sacola. 	<ul style="list-style-type: none"> Abrem o papel e chama o nome ali contido, o nome chamado levanta à mão e pega a sacola e faz o mesmo processo até não restar nomes na sacola. 	A sala estará organizada em fila indiana	15 minutos	Papel ofício, sacola e voz
<ul style="list-style-type: none"> Observações 	<p>É feita uma dinâmica de apresentação, que ocorre tranquilamente em sala, todos os alunos seguem os comandos postos e a sacola percorre a sala com a leitura dos nomes do colega e com o seu nome, neste momento o silêncio, e o prestaram atenção ao desenvolvimento da atividade, parece normal, nessa turma a atenção e o silêncio permanece na primeira aula. Após a atividade de apresentação perguntei o que eles acharam e não houve nenhuma ressalva posta, o silêncio, toma conta da sala. Ficaram três alunos de fora da rodada, pois os seus nomes não estavam na sacola e eles se apresentaram de forma tímida, sentados e eu repeti o nome deles em voz alta.</p>			

4.12.2 Plano de Diálogos

1 aula – 04/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º	
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Dialogar sobre a proposta de intervenção			
OBJETIVO DA AULA	Discutir o plano de intervenção e suas propostas de trabalho			
AVALIAÇÃO	A participação dos alunos nas atividades propostas em sala de aula, além de perguntas e discussões sobre a proposta de intervenção			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> ATIVIDADE PERMANENTE – OS PRÉ-SOCRÁTICOS: Montar e entregar os primeiros fragmentos 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura individual e silenciosa dos fragmentos entregues em sala; 	A sala estará organizada em fila indiana	05 minutos	Papel ofício e voz

<p>selecionados por mim, como a primeira proposta de leitura semanal;</p> <ul style="list-style-type: none"> ● PROJETOS: Apresentar e dividir os temas: O MITO; ● SEQUÊNCIA DIDÁTICA: entregar em pedaços de papel ofício um quebra cabeça com a definição grega do significado da palavra FILOSOFIA. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Entregar os nomes dos grupos e os seus temas; ● Montar o quebra cabeça e ler a definição grega do significado da palavra FILOSOFIA. 			
<ul style="list-style-type: none"> ● Observações 	<p>Na atividade permanente o material foi distribuído e a leitura silenciosa foi orientada, e ocorreu, pois cada aluno pegou um a dois fragmentos dos pré-socráticos; O projeto foi rapidamente apresentado com tema e como seria desenvolvido, não houve discussão e nem perguntas. Ninguém se manifestou, todos acataram os comandos; Na Sequencia didática todos receberam um quebra cabeça com o significado grego da palavra a filosofia e todos montaram o quebra cabeça. A turma continua em silencio e sem nenhuma manifestação positiva ou negativa. Toca e saiu da sala.</p>			

4.13.3 Plano de Estudo

2 aula – 11/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º	
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	<p>Habituar através da leitura de textos filosóficos ao vocabulário deste</p> <p>Componente Curricular favorecendo o entendimento dos textos.</p>			
OBJETIVO DA AULA	Leitura dos textos – Fragmentos pré-socráticos em sala			
AVALIAÇÃO	A leitura dos alunos dos textos – fragmentos pré- socráticos em sala			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃ O DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> ● ATIVIDADE PERMANENTE – OS PRÉ- SOCRÁTICOS: Montar e entregar os primeiros fragmentos selecionados por mim, 	<ul style="list-style-type: none"> ● Colocar em cima do birô do Professor os textos para que os alunos venham pegar para suas primeiras leituras, estes 	A sala estará organizada em fila indiana	10 minutos	Papel ofício

como a primeira proposta de leitura semanal;	fragmentos serão divididos por filósofos; ● Leitura individual e silenciosa dos fragmentos entregues em sala;			
● Observações	Na atividade permanente o material foi outra vez exposto no birô da professora, eu aviso que o material está na mesa, todos vão pegando, distribuído e a leitura silenciosa é feita, pois cada aluno pegou um a dois fragmentos dos pré-socráticos, eles colam o fragmento no caderno.			

4.13.4 Plano de Reflexão / Pesquisa

2 aula – 11/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	de	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Entender conceitos iniciais da filosofia			
OBJETIVO DA AULA	Organizar a pesquisa e o projeto em sala de aula			
AVALIAÇÃO	A participação dos alunos nas atividades, como: conversas, barulhos, andar dentro da sala, consultar o celular, além de perguntas e discussões sobre o projeto			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> ● PROJETOS: Apresentar e dividir os temas: O MITO; ● O wifi do meu celular estará disponível para pesquisa dos alunos; ● Levar livros sobre o tema; ● Disponibilizar material de papelaria. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Vão sentar perto de seus pares; ● Pesquisar; ● Utilizar o material exposto em sala. 	A sala estará organizada em grupos: cadeiras viradas para todos os lados.	20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Wifi; ● Material de papelaria: cola, tesoura, cartolina, papel 40kg, lápis de cor, lápis giz cera, lápis hidrocor, lapiseira, piloto, tinta, papel ofício, borracha, canetas, lápis, régua, pincel, retalhos de

				tecido, palitos de picolé e palitos de dente e de churrasco, etc; • Livros; • Voz.
Observações	• O projeto já distribuído os temas, e como seria desenvolvido, não houve discussão e nem perguntas. Já organizam a sala sentando junto do grupo e começam as discussões para a realização do projeto;			

2 aula – 11/02/2019 - 19:45 a 20:30					
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º		
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Entender conceitos iniciais da filosofia				
OBJETIVO DA AULA	Relacionar conceitos e significados da Filosofia				
AVALIAÇÃO	Montar o material proposto em sala de aula corretamente				
ATIVIDADES					
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)	
<ul style="list-style-type: none"> • Entregar os textos fatiados em uma sacola para cada aluno com as perguntas e respostas: O que é Filosofia? Para que serve a Filosofia? A origem da filosofia? Áreas da Filosofia. Este material está baseado no Livro Didático Introdução a Filosofia de Marilene Chauí; • Será perguntado em voz alta para os alunos, qual seria a resposta correta de cada pergunta; • Colocar no quadro branco as perguntas e as respostas corretas; • Passar uma lista de 	<ul style="list-style-type: none"> • Montar as perguntas e respostas, conferir com o gabarito que será colado no quadro branco e colar no caderno o material; • Marcar X em frente ao seu nome na lista de chamada. 	A sala estará organizada como quiserem.	15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Sacola, papel ofício, cartolina, piloto, tinta de impressora, colas, lista de chamada. 	

chamada.			
Observações	<ul style="list-style-type: none"> • Na Sequência didática todos receberam um saco com os textos fatiados, cada aluno monta seu texto, em voz alta eu faço a pergunta e eles respondem, depois são orientados de colar no caderno. A turma se pronuncia mediante as perguntas. Toca e saiu da sala. 		

3 aula – 18/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º	
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Habituar através da leitura de textos filosóficos ao vocabulário deste Componente Curricular favorecendo o entendimento dos textos.			
OBJETIVO DA AULA	Leitura dos textos – Fragmentos pré-socráticos em sala			
AVALIAÇÃO	A leitura dos alunos dos textos – fragmentos pré- socráticos em sala			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃ O DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> • ATIVIDADE PERMANENTE – OS PRÉ- SOCRÁTICOS: Montar e entregar os primeiros fragmentos selecionados por mim, como a primeira proposta de leitura semanal; 	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar em cima do birô do Professor os textos para que os alunos venham pegar para suas primeiras leituras, estes fragmentos serão divididos por filósofos; • Leitura individual e silenciosa dos fragmentos entregues em sala; 	A sala estará organizada em fila indiana	10 minutos	Papel ofício
Observações	Na atividade permanente, segue a mesma rotina das semanas anteriores. O material foi distribuído e a leitura silenciosa foi orientada, e ocorreu, pois cada aluno pegou um a dois fragmentos dos pré-socráticos; colaram no caderno. Rotina estabelecida.			

3 aula – 18/02/2019 - 19:45 a 20:30				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	de	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Entender conceitos iniciais da filosofia			
OBJETIVO DA AULA	Organizar a pesquisa e o projeto em sala de aula			
AVALIAÇÃO	A participação dos alunos nas atividades, como: conversas, barulhos, andar dentro da sala, consultar o celular, além de perguntas e discussões sobre o projeto			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> ● PROJETOS: Apresentar e dividir os temas: O MITO; ● O wifi do meu celular estará disponível para pesquisa dos alunos; ● Levar livros sobre o tema; ● Disponibilizar material de papelaria. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Vão sentar perto de seus pares; ● Pesquisar; ● Utilizar o material exposto em sala. 	<p>A sala estará organizada em grupos: cadeiras viradas para todos os lados.</p>	20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Wifi; ● Material de papelaria: cola, tesoura, cartolina, papel 40kg, lápis de cor, lápis giz cera, lápis hidrocor, lapiseira, piloto, tinta, papel ofício, borracha, canetas, lápis, régua, pincel, retalhos de tecido, palitos de picolé e palitos de dente e de churrasco, etc; ● Livros;

				• Voz.
Observações	<ul style="list-style-type: none"> O projeto já distribuído os temas, e como seria desenvolvido, não houve discussão e nem perguntas. Já organizam a sala sentando junto do grupo e começam os ensaios e as atividades para a realização do projeto; 			

3 aula – 18/02/2019 - 19:45 a 20:30					
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º		
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Entender conceitos iniciais da filosofia				
OBJETIVO DA AULA	Responder a um questionário sobre as perguntas estudadas na semana anterior sobre os conceitos e significados da Filosofia				
AVALIAÇÃO	Responder o material proposto em sala de aula corretamente				
ATIVIDADES					
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)	
<ul style="list-style-type: none"> ATIVIDADE DE FIXAÇÃO: Entregar uma atividade para cada aluno, que correspondem a um caça-palavras e a uma cruzadinha, utilizando as definições que foram estudadas na semana passada; Passar uma lista de chamada. 	<ul style="list-style-type: none"> Responder à caça-palavras e a cruzadinha, utilizando o material estudado como pesquisa; Marcar X em frente ao seu nome na lista de chamada. 	A sala estará organizada como quiserem.	15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Papel ofício, tinta de impressora, lista de chamada. 	
Observações	<ul style="list-style-type: none"> Atividade de fixação, os alunos são pegos de surpresa com uma atividade diferente, o material é distribuído em sala, para responderem e tivemos muitas dificuldades, ao responder um caça-palavras. Ao termino colaram no caderno e tocou, eu sai da sala; 				

4/5 aula – 25/02/2019 - 19:45 a 21:15					
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º		
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Habituar através da leitura de textos filosóficos ao vocabulário deste Componente Curricular favorecendo o entendimento dos textos.				
OBJETIVO DA AULA	Leitura dos textos – Fragmentos pré-socráticos em sala				
AVALIAÇÃO	A leitura dos alunos dos textos – fragmentos pré- socráticos em sala				
ATIVIDADES					
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)	
<ul style="list-style-type: none"> • ATIVIDADE PERMANENTE – OS PRÉ- SOCRÁTICOS: Montar e entregar os primeiros fragmentos selecionados por mim, como a primeira proposta de leitura semanal; 	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar em cima do birô do Professor os textos para que os alunos venham pegar para suas primeiras leituras, estes fragmentos serão divididos por filósofos; • Leitura individual e silenciosa dos fragmentos entregues em sala; 	A sala estará organizada em fila indiana	10 minutos	Papel ofício	
<ul style="list-style-type: none"> • Observações 	Na atividade permanente o material foi distribuído e a leitura silenciosa foi orientada, e ocorreu, pois cada aluno pegou um a dois fragmentos dos pré-socráticos;				

4/5 aula – 25/02/2019 - 19:45 a 21:15				
PROFESSORA: Renata de Souza Leão	ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: Filosofia	SEGMENTO: 1º	
HABILIDADE CURRICULAR/ NECESSIDADE DE APRENDIZAGEM	Entender conceitos iniciais da filosofia			
OBJETIVO DA AULA	Organizar a pesquisa e o projeto em sala de aula			
AVALIAÇÃO	A participação dos alunos nas atividades, como: conversas, barulhos, andar dentro da sala, consultar o celular, além de perguntas e discussões sobre o projeto; Culminância do Projeto.			
ATIVIDADES				
PROFESSOR (O que você Planeja fazer)	ALUNOS (O que os estudantes farão)	ORGANIZAÇÃO DE SALA (Como a sala estará organizada)	TEMPO (Tempo em minutos para cada atividade)	RECURSO MATERIAL (Material necessário)
<ul style="list-style-type: none"> ● PROJETOS: Organização dos grupos para a Culminância do projeto – cada tema será apresentado em sala de aula para os colegas e a professora; ● O wifi do meu celular estará disponível para pesquisa dos alunos; ● Levar livros sobre o tema; ● Disponibilizar material de papelaria. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Vão montar o projeto para a apresentação da culminância do projeto; ● Utilizar o material exposto em sala. 	<p>A sala estará organizada em grupos: cadeiras viradas frente – estarão organizadas como pequenas ilhas uma viradas para as outras, de forma que todos da sala se vejam.</p>	80 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Wifi; ● Material de papelaria: cola, tesoura, cartolina, papel 40kg, lápis de cor, lápis giz cera, lápis hidrocor, lapiseira, piloto, tinta, papel ofício, borracha, canetas, lápis, régua, pincel, retalhos de tecido, palitos de picolé e palitos de dente e de churrasco, etc; ● Livros; ● Data

				show; • Som; • Microfone ; • Voz.
Observações	<ul style="list-style-type: none"> • A culminância do projeto é feita em sala de aula, ao ditar a hora e o final das apresentações do tema de cada projeto, a sala se organiza em grupos e começam as atividades. Tivemos peça teatral, recital de poesia, jogral, exposição de fotos e cartazes 			

4.14 Expectativas e Frustrações

Lógico que todo esse trabalho foi produzido e alinhado, para o sucesso, pelo menos, era o que intencionávamos. E começamos com alguns passos na produção deste caminho, que são: o questionamento, o produto, o grupo de trabalho, o método e a finalidade, mas, as coisas vão se moldando dentro do processo. Então como ocorreu, todo o mestrado, e a intervenção?

Talvez o mais difícil de ser produzido em toda a dissertação é esta parte do texto, pois relatar experiências sempre nos remota a avaliações, e como prova é a pior palavra para qualquer aluno, estamos envolvidos e cheios de expectativas e frustrações.

4.14.1 Expectativas das Experiências da Prática

A primeira proposta de aula, foi pensar no planejamento escolar, de como seria executada as aulas do ensino de filosofia, sem cair no ofício vicioso dos anos de práticas de ensino, que carregava, e sem nunca pensar a proposta de avaliação da ação pedagógica que a cerceava. Refletir o plano estratégico de aula, olhando para a proposta de ensino, foi um grande problema, pois a pergunta inicial era: como eles aprendem o ensino de filosofia? Essa pergunta martelava como ponto principal de análise nas aulas que já eram efetivadas e como seria uma aula que o ensino possibilitasse a aprendizagem. Como seria essa aula: Aulas expositivas? Aulas com filmes? Aulas com temas e debates? Aulas com atividades de perguntas e respostas? Como seria as estratégias de ensino? Essa era a maior preocupação.

Pensar as estratégias de ensino, nos possibilitou refletir sobre todos os pontos que circulam em uma aula, quem eram esses estudantes? Alunos do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos, e, como tais, tinham a experiência relacionada a idade e muitas vezes já tendo uma relação de interesse na área de ensino. Com isso, também apresenta dificuldade e um grande desafio de prender a atenção e ensinar filosofia. Outro ponto quais eram os conteúdos programáticos da grade curricular e como seria a metodologia aplicada, então

CONSIDERAÇÕES

O percurso foi longo e não acabou. Lógico que perguntas foram feitas, e mais questões irão surgir, visto que, a dissertação foi se modificando ao longo da intervenção, para um processo que se define como a prática do documento Referencial Curricular da Rede de Ensino do Estado de Alagoas, fazendo-se necessário a produção de elementos que vislumbrem um panorama das principais atividades desenvolvidas mediante uma turma de Educação de Jovens e Adultos e do que compõem o Componente Curricular de Filosofia. O Ensino de Filosofia, como conhecimento científico – acadêmico tal qual a formação de um componente curricular que está inserido na Educação Básica.

Vimos no decorrer desse texto que o plano de aula, como um processo de ensino é fundamental para que se tenha um roteiro programático em que a metodologia sugerida fosse executada e como o Ensino Escolar de Filosofia pode se transformar em uma possibilidade de aprendizagem. A intencionalidade que está no Ensino Médio e no Ensino de Filosofia se entendem, lógico que depende da leitura que está sendo feita, estamos falando aqui sobre a escolarização.

Pesa para o Ensino de Filosofia, toda a caminhada de redemocratização que o Brasil enfrentou nos últimos decênios e as suas repercussões para o ensino de Filosofia. O teor menos crítico, outrora utilizado pelos governos militares está sendo cada vez mais substituído pela constituição e um discurso mais nevrálgico em que a ênfase passava do mero patriotismo esvaziado de conteúdo para a constituição de uma interdisciplinaridade baseada na constituição do sujeito social. Tal mudança revelou uma complexidade mais latente ao conteúdo Filosofia e às práticas exigidas ao professor em seu ofício em sala de aula. Com a complexidade mais latente das relações sociais, em uma sociedade ultra tecnológica e globalizada, vários agentes estão se inserindo no diálogo sociológico e passam a compor mais uma faceta que cria discussões de quais devem ser os formatos para o ensino de Filosofia. O problema está em como formar essa comunidade. A intervenção pensou na lacuna conceitual existente nas discussões, por isso se prendeu ao conteúdo,

como forma de proposta de trabalho, como primeiramente se aprende. O ensino de filosofia e sua identidade escolar, socialmente escamoteada pela política educacional vigente, é um dos pontos fundamentais para a construção de novas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem para a rede estadual de Alagoas. Essa questão política não quer necessariamente optar por um multiculturalismo absoluto, mas sim inserir na Base Educacional Comum a intercomunicação construtiva e respeitosa entre os mais diferentes grupos que formam a cultura alagoana. O processo de inclusão, portanto perpassa pelo diálogo e pela informação – pontos angulares de nosso componente. Nesse sentido, não somente a Filosofia, mas as Ciências Humanas e suas Tecnologias como um todo são imprescindíveis nessa empreitada de se pensar o ensino, no ensino médio. Mas para agora, vamos pensar e refletir sobre como o Ensino de Filosofia pode se encaixar no Ensino Médio com o modelo de padronização existente na escolarização e que possibilitou esse estudo. Não fim, e sim novos recomeços.

REFERÊNCIA

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte – SEE **REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE ALAGOAS: ciências humanas/** Secretaria de Estado de Educação e Esportes. – 1ª ed. Maceió, 2014.

ASPIS. Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. P 305 - 320. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 13/07/2019

BRASIL, Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010 - **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância.**

CAMPETTI, Pedro Henrique de Moraes; CAMPOS, Daniela de. **Situação-problema: um método para o ensino de economia.** Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 85-99, jan.-jun. 2017. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/poescrito/article/view/26583>. Acesso em: 13/07/2019

CARDOSO, Sergio Ricardo Pereira. **Ensinagens e aprendizagens dos saberes-fazeres tradicionais: uma educação informal do campo.** Disponível: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6429/5165>. Acesso em:

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica. Del sabio, al saber enseñado.** AIQUE. Buenos Aires: 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/518340/Cr%C3%ADtica_de_alguns_lugares-comuns_ao_se_pensar_a_filosofia_no_ensino_m%C3%A9dio Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/68024670/chevallard-la-transposicion-didactica-> Acesso em:13/08/2019

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. (Orgs.). **Filosofia no ensino médio: críticas de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível: http://srvd.grupo.com.br/uploads/imagensExtra/legado/L/LERNER_Delia/Ler_Escrever_Escola/Liberado/cap_01.pdf. Acesso em: 14/09/2019

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov.** Universidade Católica de Goiás. Revista Brasileira de Educação. n27a01.pdf1/21/ Set /Out /Nov /Dez 2004 No 27. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>. Acesso em: 02/04/2019

LIMA, Walter Matias. **O ensino de filosofia no ensino médio: problematizando a cidadania e a formação docente.** UFAL. *Debates em Educação* - ISSN 2175-6600, Maceió, Vol. 2, nº 4, Jul./Dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/562/295>. Acesso em: 12/04/2109

MASSONI, Neusa Teresinha; MOREIRA, Marco Antonio; SILVA, Maria Teresinha Xavier. **Revisitando a noção de “Método Científico”.** Revista Thema 2018 | Volume 15 | Nº 3. Disponível: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1057/863>. Acesso em: 12/05/2019

MATO, Junot Cornélio. **Dialogação: filosofia da educação.** 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015, 206 p.

_____. **Em toda parte e nenhum lugar. A formação pedagógica do professor de filosofia.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 1999. Disponível: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253253>. Acesso em: 6/6/2019

MÉSZÁRES, István. **A teoria da alienação em Marx.** 1930. X Alienação e a Crise da Alienação. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 263 – 283.

PAULA, Cláudia Regina de; OLIVEIRA, Marcia Cristina de . **Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida.** Curitiba: Ibpx, 2011.

ROCHA, Ronai Pires da Rocha. **Ensino de filosofia e currículo.** 2ª edição. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

ANEXO I

Referencial que ainda vou colar